



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS

TEREZA CRISTINA FIRMO DA SILVA SABES

**O ESTATUTO ONTOLÓGICO DO INCONSCIENTE EM FREUD: Uma
discussão a partir da crítica de John Searle**

MARÍLIA
2009

TEREZA CRISTINA FIRMO DA SILVA SABES

**O ESTATUTO ONTOLÓGICO DO INCONSCIENTE EM FREUD: Uma discussão a
partir da crítica de John Searle**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, “Julio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de Concentração: Ciência Cognitiva e Filosofia da Mente.

Orientador: *Prof. Dr. Jonas Gonçalves Coelho*

MARÍLIA
2008

TEREZA CRISTINA FIRMO DA SILVA SABES

O ESTATUTO ONTOLÓGICO DO INCONSCIENTE EM FREUD:

Uma discussão a partir da crítica de John Searle

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, “Julio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Data da aprovação: 17/12/2009

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. JONAS GONÇALVES COELHO – UNESP/MARILIA

DRA. CARMEM BEATRIZ MILIDONI - UNESP/MARILIA

PROF. DR ANDRÉ LUIZ GELLIS - UNESP/BAURU

Ficha catalográfica elaborada pelo
Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação – UNESP – Campus de Marília

Sabes, Tereza Cristina Firmo da Silva.

S115e O estatuto ontológico do inconsciente em Freud: uma
discussão a partir da crítica de John Searle. / Tereza Cristina
Firmo da Silva Sabes – Marília, 2009.
86; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de
Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009.
Bibliografia: f. 84-86.

Orientador: Prof. Dr. Jonas Gonçalves Coelho.

1. Inconsciente. 2. Consciente. 3. Mente. 4. Ontologia. I.
Autor. II. Título.

CDD 121

À Lívia minha filha, meu grande amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela energia que me fornece.

Aos meus queridos orientadores que passaram em minha vida e deixaram suas marcas e, em especial, a Jonas Gonçalves Coelho por assumir a orientação de uma fonoaudióloga, em filosofia.

Aos Professores que me ensinaram uma outra realidade, em especial, a Lourenço Chacon Jurado Filho

Ao Eduardo Buffa Sabes por ser meu porto seguro.

Aos meus pais que me deram a vida e me impulsionaram a vivê-la sem medo e cheia de esperança.

Aos meus irmãos de sangue e aos de alma que iluminam a minha vida.

Aos meus queridos amigos que me encorajam a vencer as barreiras que a vida impõe.

RESUMO

Pretendemos neste trabalho tratar do estatuto ontológico do inconsciente em Freud, dentro de sua proposta de mente, vendo esta mente como reflexo do inconsciente. Nosso ponto de partida foi a crítica de John Searle em *A redescoberta da mente* à ideia de um inconsciente mental e da analogia feita por Freud entre a consciência e a percepção. Para tratar dessa temática e desenvolver uma reflexão a partir de Freud sobre os problemas apontados por Searle, tomamos como objeto de análise as teorias Tópicas do mental, como o *Projeto* (1895), considerando-o também como uma tópica, *A interpretação dos sonhos* (1900) e *O ego e o id* (1923). Também abordaremos outros textos freudianos que trazem conceitos relevantes para nos direcionar no sentido de entender o estatuto ontológico do inconsciente freudiano, bem como, de textos de estudiosos da psicanálise. Entendemos que Freud propõe em sua teoria um estatuto ontológico para o inconsciente com bases orgânicas levando em conta o psíquico, vendo os dois pólos dessa relação, mente e corpo, como não excludentes ou de uma forma não reducionista.

Palavras-chave: Inconsciente. Consciente. Mente. Psíquico. Ontologia.

ABSTRACT

This work deals with the ontological status of Freud's Unconscious within his proposal of mind, viewing this as an Unconscious' reflex. Our starting-point was John Searle's criticism in *The rediscovery of the mind* to the idea of a mental Unconscious, and Freud's analogy between consciousness and perception. In order to develop a reflection from Freud's point of view on the problems pointed out by Searle, our object of analysis are the mental topic theories such as *The Project* (1895), taking it also as a topic, *The Interpretation of Dreams* (1900) and *The Ego and the Id* (1923). We will also take into account other Freud's texts having relevant concepts related to the theme as well as those of psychoanalysis scholars. We understand that Freud proposes an ontological status for Unconscious with organic bases taking into account the psychic, viewing the two poles of this relationship, mind and body, as non-excludent or of a non-reductionist way.

Keywords: Unconscious. Consciousness. Mind. Psychic. Ontology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Capítulo 1 - A CONSTRUÇÃO DA MENTE INCONSCIENTE DE FREUD	14
1.1 As primeiras ideias sobre mente distinta do corpo – “O Inconsciente”	14
1.2 Projeto para uma Psicologia Científica	24
Capítulo 2 - MENTE, CORPO, MARCAS NA PRIMEIRA TÓPICA	36
2.1 A mente inconsciente de 1900.....	37
2.2 Três ensaios sobre a teoria da sexualidade	44
2.3 A Metapsicologia	45
Capítulo 3 - A SEGUNDA TÓPICA: UMA PROPOSTA DE INCONSCIENTE DINÂMICO E RECALCADO	54
3.1 A viragem dos anos 20	54
3.2 A Segunda Tópica: a nova proposta de 1923	59
3.3 As Tópicas e seus sentidos relacionados ao inconsciente	65
Capítulo 4 - O ESTATUTO ONTOLÓGICO DO INCONSCIENTE E A CRÍTICA SEARLEANA DO INCONSCIENTE FREUDIANO	69
4.1 O inconsciente freudiano, uma trajetória de reconstrução	69
4.2. A mente de Searle	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS.....	84

INTRODUÇÃO

Pretendemos neste trabalho tratar do estatuto ontológico do inconsciente em Freud dentro de sua proposta de mente, vendo esta mente como reflexo do inconsciente. Nosso ponto de partida é a crítica de John Searle em *A redescoberta da mente* à ideia de um inconsciente mental.

Para tratar dessa temática e desenvolver uma reflexão a partir de Freud sobre os problemas apontados por Searle, tomamos como objeto de análise as teorias Tópicas do mental, bem como, outros textos freudianos que trazem conceitos relevantes para nos direcionar no sentido de entender qual é o estatuto ontológico do inconsciente freudiano. Partimos de trabalhos desde o início da trajetória freudiana a fim de entender como foi talhado o inconsciente, passamos pelo que consideramos como o primeiro modelo tópico de mente que é o *Projeto* (1895), *A interpretação dos sonhos* (1900) e *O ego e o id* (1923). Entendemos que Freud propõe um estatuto ontológico para o inconsciente com base na biologia levando em conta o psíquico, vendo os dois pólos dessa relação, mente e corpo, como não excludentes ou de uma forma não reducionista.

Esta irreducibilidade do psíquico ao físico, que Freud postula no âmbito das neuroses, dos sonhos e da sexualidade, suscita o problema cartesiano, ou problema mente e corpo¹, que em Freud se torna mais complexo com um psíquico cindido em consciente e inconsciente, sendo a consciência concebida como superfície do inconsciente.

Para o filósofo da mente, John Searle, a consciência foi excluída das investigações científicas por séculos, sendo que o princípio desta exclusão está no século XVII com Descartes e sua proposta de dualismo de substância, que acredita que a mente é uma substância distinta do corpo. Por esta visão dualística, o conceito de mente é aproximado ao conceito de intelecto, de pensamento, de entendimento, de espírito e de alma do ser humano, e é espelho da consciência.

Seguindo esta linha de pensamento, Descartes e outros criaram, no século XVII, uma concepção de ciência natural, pela qual, uma investigação verdadeira deveria se ocupar da matéria, do corpo (*res-extensa*) e não da mente (*res-cogitans*).

Esta separação mente e corpo proposta por Descartes, segundo Searle (1997), foi importante historicamente, pois facilitou o desenvolvimento da ciência no momento em que a

¹ Não temos o propósito neste trabalho de discutir a relação mente e corpo, apesar de considera-la de grande relevância para o nosso tema, mas acreditamos que podemos discutir a proposta freudiana do estatuto ontológico do inconsciente considerando a própria teoria freudiana e os textos de estudiosos da psicanálise.

Igreja o impedia. Porém, no século XX tornou-se um grande empecilho para a compreensão do lugar que ocupa a consciência no mundo físico, trazendo problemas graves como o da explicação da interrelação entre substâncias distintas entre si. Assim, Searle em “A Redescoberta da Mente” (1997), enfoca principalmente a consciência, com a finalidade de trazê-la de volta aos debates e investigações dos cientistas e filósofos.

Searle (1997) acredita que o problema mente e corpo é de simples resolução se pensarmos nos estudos científicos neurobiológicos da atualidade. Para ele, não há como negar que os processos neurofisiológicos do cérebro sejam os causadores dos fenômenos mentais conscientes, os quais são características de nível superior do cérebro. O mental nesta visão é concebido da mesma forma que os processos fisiológicos, como a divisão de uma célula ou a digestão. Então, a consciência é, além de uma propriedade mental, uma propriedade física do cérebro; e assim, para Searle, em vez do clássico cartesiano “penso, logo existo” e “sou um ser pensante”, seria “sou um ser pensante, portanto, sou um ser físico.” (SEARLE, 1997, p. 26).

Mas como se explicaria nesta perspectiva o fato de os processos neurofisiológicos produzirem fenômenos mentais conscientes? Segundo Searle, esta é uma questão própria de estudos da neurociência, devendo a filosofia ocupar-se de questões relativas ao conceito de consciência.

Searle nomeia sua perspectiva de relação mente e corpo de naturalismo biológico e explica que ela tem uma visão naturalista da mente, embora não perca o foco na realidade subjetiva, visto que a ontologia do mental é uma ontologia de primeira pessoa, de um “eu da consciência”, pois esta consciência pertence a alguém (SEARLE, 1997, p. 34). Explica a consciência como uma forma de estar atento para o mundo como um sistema liga/desliga, mas que é diferente de cognição. Admite que existam graus de consciência e cita o sonho como o grau mais baixo de consciência (SEARLE, 1997, p. 124).

Para Searle dois fatos atrapalham a decifrar o enigma que envolve a relação mente e corpo. O primeiro seria o que ele chama de preconceito filosófico que separa o mental e o físico, colocando-os em mundos distintos. O segundo é que, apesar dos avanços no campo da neurobiologia, ainda há falta de conhecimento sobre o funcionamento do cérebro, o que nos dificulta o entendimento de tal enigma. Porém, isso poderia ser superado, segundo o filósofo, se tivéssemos a possibilidade de estudar o funcionamento do cérebro de modo a fornecer uma explicação causal da consciência (SEARLE 1997, p. 148). No estudo da mente, ainda existe uma divisão que coloca, de um lado, os que acreditam na mente como consciência, e de outro, aqueles que acreditam na mente como inconsciência. Para descontentamento de Searle, a

mente inconsciente vem sendo muito valorizada nas investigações psicológicas e na ciência cognitiva, e Searle chega a acreditar que: “A tese geral é que os processos mentais inconscientes são mais importantes que os conscientes.” (SEARLE, 1997, p. 218).

Segundo Searle (1997, p.217), apesar da divisão mente e corpo e exclusão da mente dos estudos científicos, antes do século XX, a noção de consciência era menos problemática do que a noção de inconsciência, e isso se inverteu após a teoria freudiana de inconsciente². Esta teoria possibilitou a utilização frequente de fenômenos inconscientes para explicar vários aspectos da vida humana e ver a consciência, até mesmo, como não científica (SEARLE, 1997, p. 218).

A consciência, segundo Searle, é responsável por muitas funções, existindo por meio de diversas formas, como a visão, a audição, o paladar, o olfato, a sede, as dores, as cócegas, as ânsias e as ações voluntárias. Dentro de cada uma dessas funções, pode haver outras funções que ocorrem sob o comando das formas conscientes. Além disso, a consciência seria responsável por organizar as relações do homem consigo mesmo e com o meio. Tal organização poderia, em termos gerais, ser comparada com uma “representação”. Então, por meio das percepções sensoriais, o homem receberia informações conscientes sobre o meio ambiente e, quando tivesse experiências de ações, a consciência permitiria agir sobre o mundo, ou seja, a percepção consciente seria produtora de representações no organismo, sendo causadas pela vivência do homem no mundo e suas ações intencionais sobre ele seriam fruto de representações conscientes.

Para Searle (1997, p. 158 e 159), a consciência também possui vantagens evolutivas tais como a flexibilidade, a sensibilidade e a criatividade e, ainda, nos permite “discriminações muito maiores” do que a proposta de um inconsciente. O inconsciente, segundo ele, está vinculado à possibilidade de se tornar consciente e não seria possível a ocorrência de algo no cérebro que não fosse processo neurofisiológico, alguns conscientes outros inconscientes. Searle não acredita no inconsciente como mental, apenas utiliza o termo inconsciente como estado neurofisiológico complexo (SEARLE, 1997, p. 232).

Para respaldar a ideia de que todos os estados mentais inconscientes são acessíveis à consciência, Searle ressalta a importância de alguns princípios que um estado mental inconsciente deve ter e estrutura o que chamou de “princípio da conexão” apresentando sete argumentos que retratam a sua visão sobre o inconsciente.

² Freud propõe em sua teoria o psíquico como sendo em sua grande totalidade inconsciente. Neste trabalho iremos tratar o psíquico freudiano como uma proposta do mental, entendendo o mental freudiano da mesma forma que o searleano.

O primeiro diz que é importante diferenciar a intencionalidade intrínseca da como-se, pois apenas a intencionalidade intrínseca é um estado mental³. O segundo propõe que os estados intencionais inconscientes são intrínsecos e devem ser descritos literalmente. O terceiro refere que os estados intencionais intrínsecos, conscientes ou inconscientes, têm formas aspectuais⁴, os quais constituem um estado mental sob algum aspecto. Toda crença, todo desejo ou fenômeno intencional têm uma forma aspectual que parte do agente que direciona seu olhar. O quarto argumento considera que as formas aspectuais não podem ser minuciosas nem são caracterizadas apenas em termos de predicados de terceira pessoa, comportamentais ou neurofisiológicos, pois esses são insuficientes para descrever a forma aspectual. Explica que sempre ocorrerão inferências sobre os motivos comportamentais *epistêmicos* e a *ontologia* do aspecto. O quinto argumento diz que os estados mentais inconscientes, no momento em que são inconscientes, são fenômenos puramente neurofisiológicos, embora ainda haja uma forma aspectual que não está no nível neurofisiológico, criando-se então um paradoxo. No sexto argumento, Searle se propõe a resolver o argumento anterior. Assim, diz que um estado intencional inconsciente é um consciente possível, ou seja, é um conteúdo possível da consciência. Com esta explicação, acredita que resolve o paradoxo, já que para ser estado inconsciente intencional deve preservar sua forma aspectual e, para preservar tal forma, deve ser um conteúdo possível da consciência. E finalmente, como sétimo argumento, Searle afirma que o cérebro é o responsável pelos estados mentais inconscientes, que são disposições capazes de causar pensamentos conscientes subjetivos. Para Searle, o cérebro possui capacidade causal de produzir consciência, e essa característica causal é compatível com bloqueios de naturezas diferenciadas como repressão psicológica ou lesão cerebral.

Assim, pela teoria searleana, qualquer estado mental intencional inconsciente é acessível à consciência, visto que a neurofisiologia cerebral possui a capacidade de causar consciência ou tornar conscientes os conteúdos mentais.

Searle considera a teoria do inconsciente de Freud incoerente. Em primeiro lugar, devido à ontologia que Freud atribui ao inconsciente, pois considera incompatível com o que

³ Searle trata a intencionalidade intrínseca e como-se, no capítulo III de “A Redescoberta da mente”, (SEARLE, 1997, p.118 e 117). Refere que: “intencionalidade intrínseca é um fenômeno que seres humanos e determinados outros animais têm como parte de sua natureza biológica”. Quanto à intencionalidade como-se é uma forma de falar figurativa ou metaforicamente.

⁴ Searle explica que “forma aspectual” é um termo trazido da arte para caracterizar a intencionalidade. Exemplifica: “quando percebemos qualquer coisa ou pensamos sobre qualquer coisa, sempre fazemos isso sob alguns aspectos, deixando outros de lado”. (SEARLE, 1997, p. 225).

já sabemos do cérebro. Em segundo lugar, critica a analogia entre percepção e consciente feita por Freud, afirmando que não acredita ser possível.

As críticas de Searle à teoria do inconsciente freudiano iniciam-se com a sua interpretação de como Freud descreve o mental⁵. Searle diz: “não posso tornar sua explicação da ontologia do inconsciente compatível com o que sabemos a respeito do cérebro”. Assim, acredita que a ontologia do inconsciente freudiano é a do mental. Mas Searle também não concorda com a analogia que Freud faz entre percepção e consciência; desta forma, quando os estados mentais tornam-se conscientes na teoria freudiana, é como perceber algo (SEARLE, 1997, p. 241-242).

Segundo Searle (1997), um estado mental tem que ter uma forma aspectual e um sentido subjetivo, porque são estados mentais do indivíduo e isto coincide com o consciente, mas não com o inconsciente. Ainda para Searle, Freud parece ter abandonado o trabalho iniciado com o “Projeto para uma Psicologia Científica”, de 1895, com o qual tentava estabelecer uma relação cérebro – mente o que, segundo Searle, é diferente do seu texto sobre o Inconsciente de 1915.

Para enfrentar os problemas levantados por Searle em relação ao estatuto do inconsciente em Freud, iniciaremos este trabalho investigando as origens da proposta freudiana no que diz respeito aos processos psíquicos e processos físicos e como, nesse contexto, Freud propõe a noção de um inconsciente psíquico.

Concordamos com estudiosos que veem a obra freudiana como um *continuum* de ideias que nasceram nos primeiros textos e se tornaram posteriormente no que conhecemos como psicanálise.

No segundo capítulo, abordaremos a primeira postulação do modelo de aparelho psíquico que ficou conhecido como primeira tópica e que se inicia com “A interpretação dos sonhos” (1900), seguindo-se com a abordagem de “Os três ensaios sobre a sexualidade” (1905), visto que, neste texto aparecem ideias relevantes sobre a constituição do inconsciente e, por fim, abordam-se os artigos metapsicológicos de 1915 – “A pulsão e seus destinos”, “O recalque” e “O inconsciente”; nestes últimos textos vemos que Freud descreve os conteúdos do inconsciente, bem como, a dinâmica do funcionamento mental.

No terceiro capítulo será examinado o trabalho de 1920 *Além do princípio de prazer*, em que Freud traz conceitos que servirão para dar forma à segunda tópica (1923), a qual abordaremos em seguida.

⁵ Aqui mental é visto por Searle como o que Freud descreve como psíquico.

Ao quarto capítulo, reservamos uma análise do que Freud propôs como inconsciente e da crítica de Searle em 1997, levando em conta a sua concepção de mente.

CAPÍTULO 1 - A CONSTRUÇÃO DO INCONSCIENTE FREUDIANO

1.1 As primeiras ideias sobre mente distinta do corpo – “O Inconsciente”

A partir da ideia inicial de que algumas patologias tinham causa psicológica e não orgânica, Freud foi gradativamente construindo uma teoria da mente⁶ que as explicasse e permitisse tratá-las.

De fato não foi apenas uma teoria, considerando-se que os modelos iniciais receberam adaptações, ajustes e acréscimos. Sendo assim, acreditamos que para a sua compreensão torna-se necessária a identificação das situações em que foi gerada ou as perguntas que veio a responder.

Desse modo, concordamos com Wollheim (1971, p. 10) quando refere que a cronologia é um guia importante para a compreensão da obra freudiana, e que ao refazermos tal trajetória vemos que Freud empreendeu um esforço que muitas vezes pode ser interpretado não como avanços, mas como recuo. Podemos dizer que o rascunho escrito em 1895, chamado “Projeto para uma Psicologia Científica”, se encaixa nesta visão de recuo para alguns estudiosos, que veem uma recaída de Freud no modelo cientificista, já que em textos anteriores já se identificava uma visão mais psicológica do que no *Projeto*. Porém, existem aqueles que acreditam que o *Projeto* traz pressupostos teóricos e princípios metodológicos que são encontrados em sua obra como um todo principalmente no texto de 1900 (*Interpretação dos Sonhos*) que é o marco da Psicanálise (SIMANKE, 2005, p. 13).

Freud nasceu e fez sua formação intelectual no século XIX, dentro de uma visão cientificista e positivista, na qual a medicina ligava-se à ciência por meio de investigações e concepções anátomo – patológicas, buscando criar terapêuticas para doenças em geral.

As doenças eram, então, classificadas como aquelas que apresentavam sintomas regulares e que remetiam a lesões orgânicas identificáveis pela anatomia patológica, e as neuroses que apresentavam sintomas irregulares sem lesões justificáveis. Desta forma, poder-se-ia encontrar dois grupos distintos de doenças. No grupo dos que valorizavam a eficácia da anatomia patológica podia-se encontrar o doutor Charcot, médico que queria trazer a neurose para o grupo dos sintomas identificáveis com a anatomia. Charcot acreditava que apesar de as neuroses não apresentarem referencial orgânico mostravam uma sintomatologia bem definida

⁶ Entendemos o aparelho psíquico freudiano como uma proposta de teoria da mente.

com regras específicas, e, portanto, poderiam se enquadrar nos moldes científicos da época (GARCIA-ROZA, 2004a, p. 32).

O primeiro trabalho de Freud na *Standard Edition* é justamente um relatório, apresentado aos professores do Colégio de Professores da Faculdade de Medicina da Universidade de Viena, sobre o estágio que fizera em Paris com o professor francês Jean-Marie Charcot. Nota-se neste trabalho o entusiasmo de Freud em relação à maneira como Charcot lidava com as neuroses. Este relatório refere-se ao período de 13 de outubro de 1885 a 28 de fevereiro de 1886 em que Freud assistiu às aulas ministradas por Charcot e participou de sua clínica no hospital de Salpêtrière.

O trabalho de Charcot com os pacientes histéricos era realizado por meio de técnicas terapêuticas como a hipnose, e procurava mostrar que esta envolvia mudanças fisiológicas no sistema nervoso.

Nos estudos sobre histeria, que Freud fez com Charcot, existe uma referência importante no que toca à memória, mais propriamente em “Leçons du Mardi de la Salpêtrière.” (CHARCOT, 1892-94, p. 107 apud FREUD, 1996a, p. 179). Neste livro, o ataque histérico, qualquer que fosse, segundo Charcot, teria o ponto central na lembrança, ou seja, numa reminiscência alucinatória de uma cena. Para ele, o conteúdo da lembrança seria um trauma psíquico que, devido a sua intensidade, promoveria o surgimento da histeria. Também poderia ser um “evento que, devido à sua ocorrência em um momento particular, tornou-se trauma”. Segundo Freud ([1892-94], 1996a, p. 107), Charcot define trauma como “um acréscimo de excitação no sistema nervoso que este é incapaz de fazer dissipar-se adequadamente pela reação motora. Um ataque histérico talvez deva ser considerado como uma tentativa de completar a reação ao trauma”.

Para Wollheim (1971, p. 23), em sua estada em Paris, Freud teria aprendido três lições de grande valor. A primeira seria de que a etiologia da histeria seria de um distúrbio nervoso. A segunda descoberta de Charcot seria de que, nas histerias traumáticas, os sintomas não seguem o conhecimento anatômico do sistema nervoso, mas seguem a noção de corpo do paciente. E a terceira lição, considerada por Freud a descoberta genial de Charcot, teria sido a de que certos pacientes poderiam ser curados pela hipnose e, mais, que a hipnose poderia induzir pessoas normais à histeria. Com isso, a etiologia da neurose passava para um outro mundo que não poderia ser o orgânico, pois se fosse orgânico, a neurose não poderia ser produzida e os sintomas eliminados por meio da hipnose. Assim, a etiologia das neuroses tinha um caráter ideogênico, em que as ideias teriam influência sobre o histérico e isto significaria que a histeria seria uma doença do mundo mental com influência no orgânico. No

entanto, Charcot tinha a visão, segundo Wollheim (1971, p. 24), de que a histeria teria como causa problemas fisiológicos, não psicológicos e, assim, a doença estaria então atrelada a problemas cerebrais de ordem hereditária. Outros fatores como trauma e os sintomas ideogênicos seriam incidentais.

Para Wollheim (1971), Freud, que anteriormente era interessado em anatomia e histologia do sistema nervoso, ao conhecer o trabalho de um cientista como Charcot, que se importava com problemas histéricos e com o hipnotismo, não pôde ficar imune a isso e recebeu de forma intensa sua influência. Assim, a estada em Paris pode ser considerada como uma verdadeira ponte entre os trabalhos neurológicos e psicológicos de Freud que, seguindo o modelo de Charcot que utilizava seu conhecimento anatômico concomitante com a clínica, também passa a utilizar-se dos recursos teóricos vindos da neurologia juntamente com o que levantava de dados na clínica, sempre relacionando-os. E ainda Wollheim (1971, p.11) refere que Charcot teria influenciado Freud a seguir sua carreira utilizando principalmente dois recursos que vieram a ser “os alicerces da psicanálise.” (WOLLHEIM, 1971, p. 10). Um destes recursos trata da cura das perturbações mentais pela palavra e o outro o de ver os sintomas como pertencentes ao mundo das ideias.

Quando Freud volta de Paris, abre uma clínica de doenças nervosas e logo já obtém recursos financeiros. Nesse momento, o tratamento das doenças nervosas privilegiava os métodos com estimulações físicas como hidroterapia, eletroterapia, massagens e a cura de repouso Weir-Mitchell. Assim, apesar de toda influência recebida de Charcot, só depois de algum tempo, Freud vai se dedicar à cura por meio da hipnose. Freud logo percebe que esse procedimento eliminava os sintomas, mas não a causa. Passa então a utilizar um método criado por Joseph Breuer, no qual o paciente hipnotizado passa a contar a pré-história psíquica da doença e, assim, chega-se ao trauma do distúrbio. Este método terapêutico criado por Breuer foi iniciado com o caso que ficou muito conhecido como o de Anna O., por meio do qual, muitos conhecimentos das neuroses vieram à tona. Breuer chamou de método “catártico (de *Kátharsis* = purgação), pois o que ocorria durante o tratamento era uma purgação ou uma descarga do afeto que originalmente estava ligado à experiência traumática.” (GARCIA-ROZA, 2004a, p.36).

O método catártico foi sendo construído aos poucos e até mesmo com a ajuda da paciente e com observações de situações que produziram efeito positivo. Uma delas tratava de uma situação em que a paciente murmurava palavras durante a hipnose então, Breuer as repetia, e, imediatamente, a paciente contava-lhe a história que envolvia aquelas palavras e, ao acordar, ter-se-ia se sentido melhor. Breuer chamou este método de “cura falada ou limpeza

da chaminé”. Breuer notou que ao falar sobre um momento de sofrimento desaparecia o sintoma da paciente e, assim, foi realizando o método seguindo um sintoma de cada vez no momento em que ela estava auto-hipnotizada. Além da auto-hipnose, Breuer utilizou-se também da hipnose induzida.

Do método de Breuer, Freud pôde tirar duas lições, segundo Wollheim (1971 p. 27-28). A primeira é que a hipnose poderia fornecer um diagnóstico sobre onde se encontraria o agente causador da doença. E a segunda, que o sintoma teria sido adquirido num estado de consciência diferente daquele em que deveria ser removido, ou seja, o estado hipnóide seria o melhor para trazer de volta à consciência o estímulo pernicioso, que estava “no inconsciente”.⁷ A partir dos casos que Freud tratou sob influência do método de Breuer, ele teria concluído que as pacientes histéricas sofriam de “reminiscência”, ou seja, uma ocorrência por elas vivenciada teria sido dolorosa, e a sua lembrança teria um caráter estimulador provocando o fenômeno histérico. Porém, diferentemente do que Charcot teria proposto (a lembrança seria um *agent provocateur* que liberaria o sintoma), para Freud, a lembrança ainda seria um “agente em ação: ela atua como uma causa *diretamente* liberadora.” (WOLLHEIM, 1971, p. 28, grifo do autor).

Freud ainda passou algumas semanas acompanhando o trabalho de Bernheim no ano de 1889, para aprender seu método de sugestão hipnótica, que tinha o propósito de intervir diretamente nas ideias patogênicas. No entanto, logo percebeu que alguns pacientes não eram hipnotizáveis e, então, foi delineando uma outra técnica de tratamento. De início, utilizou a pressão de suas mãos sobre a cabeça do paciente, mas continuava com as sugestões e o ritual próprio do hipnotismo como a posição do tratamento. Posteriormente, abandonou a pressão sobre a cabeça e continuou com o uso da palavra na cura, em que o paciente era orientado a dizer tudo o que lhe viesse à cabeça, e este foi o início da técnica conhecida como “livre associação” psicanalítica.

Em um texto escrito em 1891, “Sobre a Concepção das Afasias”, Freud faz uma análise das hipóteses explicativas sobre os fenômenos de afasia, e posiciona-se contra o localizacionismo proposto por Carl Wernicke e Ludwig Lichtheim no que toca a esta patologia, bem como se opõe às teorias neurológicas de Theodor Meynert. Estes autores, contestados por Freud, defendiam a existência de uma área no cérebro especializada em cada função exercida. Assim, no caso da linguagem, por exemplo, haveria uma área produtora do

⁷ Wollheim (1971, p. 28), em nota, refere que: o inconsciente está referido no sentido de psíquico e, segundo este autor, esta “é a primeira menção do termo e o fato de figurar entre aspas pode sugerir, segundo os organizadores da *Standard Edition*, que deriva de Freud”.

movimento da fala, outra da sensação tátil, outra para a audição, sendo que as afasias estariam diretamente relacionadas às respectivas áreas que estariam lesionadas, dependendo dos sintomas observados.

Para Freud, isso não se confirma em seus pacientes, levando-o a acreditar que a anatomia e sua relação com a fisiologia da linguagem eram de ordem mais complexa do que propunham Meynert, Wernicke e outros. Freud acreditava que cada área cerebral seria responsável por funções variadas, e seriam dependentes umas das outras, por isso, não se poderia localizar a área envolvida. Também acreditava que o correlato fisiológico de uma representação seria um processo e refere:

Qual é o correlato da ideia simples que emerge ou volta a emergir? Obviamente, nada estático, mas algo que tem caráter de um processo. Este processo não é incompatível com a localização. Começa em um ponto específico do córtex e a partir daí se difunde por todo o córtex e ao longo de certas vias. Quando este fato ocorre, deixa atrás de si uma modificação, com a possibilidade de uma recordação na parte do córtex afetada. (FREUD, [1891] 1996a, p. 71).

Segundo Freud, apenas ocorreria uma representação quando houvesse um processo associativo que se passaria no cérebro e seria o correlato fisiológico do correlato psíquico. Mais especificamente, Freud descreve o estímulo sensorial sendo reorganizado e conduzido pela medula até o córtex, onde se inicia um processo associativo que, por sua vez, vai novamente ser reorganizado e, então, dará origem ao correlato fisiológico da representação. Para Freud, o córtex não seria apenas um receptor das informações sensoriais, “mas teria um papel ativo na constituição dos correlatos das representações”. (CAROPRESO, 2008, p. 334). E a área da linguagem estaria em toda a extensão cortical e não seria fragmentada em centros como propunha Wernicke; o córtex freudiano é concebido como um território indivisível, e segundo Garcia-Roza (2004a, p. 37), esta forma de ver é compatível com o termo aparelho de linguagem.

Para Garcia-Roza (2004a, p. 40), o texto freudiano “Sobre a Concepção das Afasias” (1891) apresenta as teses de que a linguagem é adquirida e o aparelho de linguagem é construído, sendo que a aquisição da linguagem e a construção do aparelho de linguagem ocorreriam por meio de uma aprendizagem que incorpora o motor e sensorial de uma forma que não se pode analisar separadamente. Garcia-Roza (2004a, p. 41) ainda refere que no capítulo VI de *Afasias*, Freud coloca a palavra como representação complexa que é a base da função de linguagem. O termo complexa deve-se ao fato desta representação ser formada por vários elementos (acústicos, visuais e cinestésicos) que se encontram espalhados no território

da linguagem sendo que para qualquer operação da linguagem é necessário um processo associativo. Do aparelho da linguagem dependem as articulações de representações que venham resultar em um sentido, portanto, o sentido é resultado de múltiplas representações associadas.

No que toca às afasias, para Freud, não existiria o que Wernicke propunha como afasia sensorial, afasia de condução ou motora. No entender de Freud as afasias deveriam ser pensadas como uma interrupção da condução, como uma ruptura da associação. (GARCIA-ROZA, 2004a, p. 38).

Também em 1891, Freud defende os estados psíquicos como “concomitantes dependentes” dos estados cerebrais e afirma:

A relação entre a cadeia de processos fisiológicos que se dão no sistema nervoso e os processos psíquicos provavelmente não é de causalidade. Os processos fisiológicos não cessam quando estes começam; tendem a continuar, porém, a partir de certo momento, um fenômeno psíquico corresponde a cada parte da cadeia ou a várias partes. O psíquico é, portanto, um fenômeno paralelo ao fisiológico (um concomitante dependente). (FREUD, [1891] 1996a, p. 98).

Essa hipótese defendida por Freud viria da doutrina da concomitância do neurologista inglês Hughlings Jackson (1884) que propunha que os estados mentais, ou conscientes, e os estados nervosos ocorreriam paralelamente sem que uns interferissem nos outros, mas haveria, contudo, um estado nervoso correlato para cada estado mental. Com esta posição assumida por Freud, temos uma concepção em relação de concomitância entre mente-corpo, ou ainda, de paralelismo psicofisiológico, em que a mente (neste momento, identificada como consciência) estaria em paralelo com o cérebro. Freud ([1891]1996a, p. 71), refere que:

É duvidoso que esse fenômeno fisiológico [a modificação por um processo cortical] esteja de algum modo associado a algo psíquico. Nossa consciência não contém nada que possa justificar, do ponto de vista psicológico, o termo “imagem latente de recordação”. No entanto, cada vez que o mesmo processo cortical volta a ser suscitado, o fenômeno psíquico anterior emerge novamente como recordação.

Esse trecho nos mostra que Freud já levantava algumas hipóteses e questões que foram se confirmando ou negando em textos posteriores como a que toca à representação que, embora neste momento inicial estivesse relacionada à consciência, já apresentava uma constituição com base neural. Também aparecem neste texto conceitos, como o da memória, tão necessária para a teoria das neuroses que Freud estava em vias de escrever. A memória ocorreria por meio de modificações ocorridas no córtex as quais tornariam possível a

recordação. As imagens armazenadas ou imagens mnêmicas são compostas por quatro grupos: imagem acústica, imagem cinestésica, imagem da leitura e imagem da escrita e o conjunto destas forma a representação complexa da palavra. No entanto, apesar de neste momento a consciência ser equivalente ao mental, segundo Garcia-Roza (2004a, p. 65- 68), Freud retrata um aparelho de linguagem cujo movimento espelha em um aparelho psíquico que até pode remeter ao inconsciente, visto como um lugar psíquico onde estão incubados restos de linguagem.

Assim, no texto de 1891, segundo Simanke (2006a), Freud já demonstra ideias como a representação que remetem ao inconsciente, conceito que irá aparecer pela primeira vez no “Projeto para uma psicologia científica” (1895). Simanke (2006a, p. 100) argumenta que:

[...] embora Freud ainda subscreva, em 1891, uma versão não atomística do paralelismo psicofísico e, portanto, como ele próprio reconhece, a identidade entre mental e o consciente-, a reflexão aí desenvolvida já reúne as condições para se despojar a consciência do papel de condição de possibilidade da existência do psíquico e, com isso, de *a priori* absoluto de toda psicologia, deixando de concebê-la como espécie de olhar interior que transforma o neural no representacional. [...] o conceito de representação que assim toma forma surge como o próprio ponto de articulação entre o cerebral e o mental.

Para Caropreso (2003, p.330), em 1891, Freud não tinha uma teoria de mente, o psíquico para ele era identificado ao consciente e a ideia de representação inconsciente que os sintomas neuróticos apontavam era um paradoxo, uma contradição. Mas apesar disto, neste texto já existia um movimento de construção do que seria a representação inconsciente que pôde ser desenvolvida nos trabalhos que se seguiriam.

Em 1892, quando Freud se preparava para a publicação de “Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos”⁸ escreveu cartas a Breuer em que descrevia princípios que regeriam o psicológico. Tais princípios viriam a ser o alicerce do trabalho de Freud que seguiria. Descreve na carta o princípio da constância de excitação, a teoria da memória (que havia escrito em “Sobre a concepção das afasias”) e o teorema que estabelece que os conteúdos dos diferentes estados de consciência não estão relacionados entre si.

Para Freud, a origem dos ataques histéricos crônicos estaria nos sonhos, na auto-hipnose, afetos e resultados dos traumas absolutos, em que ocorreria um deslocamento (modificação interna) de energias internas que não foram descarregadas. O ataque histérico seria uma forma de reação, cuja origem seria obscura, sendo possível haver histeria

⁸ Obra que desenvolveu com a colaboração de Josef Breuer em 1893.

disposicional e acidental e a memória é descrita como agente etiológico do ataque histérico, visto que as lembranças relacionadas com os fenômenos histéricos estão inacessíveis (os conteúdos não estão em conexão associativa com a consciência normal), mas aparecem por meio de hipnose. A sugestão de tratamento destes traumas é trazê-los à consciência normal por meio de um estado de “sonambulismo.”⁹ Desta forma, pela teoria freudiana, quando ocorresse o ataque histérico, haveria o retorno de uma lembrança que teria causado o trauma psíquico que é inacessível à consciência, por si só, devido à pessoa ter decidido rechaçá-la para a inconsciência.

Freud acredita que as lembranças traumáticas seriam impressões que não conseguiram encontrar uma descarga motora adequada (como havia pensado Charcot), pois, segundo Freud, o sistema nervoso para se manter constante em suas relações funcionais (soma de excitação) descarregaria associativamente todo o acúmulo de excitação ou descarrega sob forma de reação motora adequada.

Freud passa por várias experiências com pacientes histéricos e juntamente com Breuer escreve o texto chamado de “Comunicação Preliminar” (1893), onde aparece a noção de defesa, utilizada da mesma maneira que resistência, como um único fenômeno mental. Freud descobre o mecanismo de defesa por meio dos tratamentos clínicos e refere que se trata de um fenômeno que trabalha no sentido de não permitir que uma ideia volte à consciência. Esta noção apresentada em 1893 veio a ser desenvolvida e acabou se tornando muito importante na teoria psicanalítica.

Freud e Breuer em 1893 também escrevem juntos o caso da paciente Anna O. mencionado anteriormente como um caso que muito elucidou a histeria. A obra chamou-se “Estudos sobre a Histeria”. Nesta obra, a histeria é concebida como uma neurose, cuja fonte causal estaria em um ou mais conflitos psíquicos constituídos devido à existência de um desejo e uma defesa. Freud mantém a ideia de que os processos psíquicos seriam paralelos aos neurológicos, no entanto, não concebe o psíquico da mesma forma que em “Sobre a Concepção das Afasias”, como espelho do consciente, pois coloca a ideia de processos psíquicos subscientes para explicar a histeria.

As neuroses histéricas são descritas com variados quadros clínicos, que poderíamos exemplificar com dois tipos tidos como mais expressivos. O primeiro seria o de histeria de conversão, em que o conflito psíquico (não consciente) é simbolizado por sinais e sintomas como amnésia, crise emocional com teatralidade, paralisias motoras sem lesão

⁹ Palavra usada por Freud para caracterizar a hipnose.

orgânica ou causa infecciosa, anestésias ou dores localizadas sem causa física, sensação de “bola” faríngea sem correspondência com a existência de anomalia orgânica etc. O segundo seria a histeria de angústia, em que o sintoma central é a angústia e é fixado num objeto exterior na forma de fobia ou medo.

Ao mesmo tempo em que Freud escreve os trabalhos juntamente com Breuer, também escreve um trabalho, publicado em 1894, chamado “As Neuropsicoses de Defesa”, em que menciona a existência de processos psíquicos com ausência da consciência, mas ainda não toma uma posição em favor do subconsciente e nem mesmo do inconsciente. Ele propõe a existência de um mecanismo psíquico das psicosepses que propiciaria o início desta patologia em um esforço do “eu” para defender-se de uma representação intolerável, em que ocorreria a retirada do afeto próprio desta representação traumática, fazendo-a ficar isolada, mas ainda dentro da consciência, constituindo um segundo grupo psíquico.

Contudo, segundo Caropreso (2003, p. 338), no texto sobre as neuropsicoses de defesa, “Freud tende a identificar os processos que se dão na ausência da consciência a processos físicos, mantendo assim, o psíquico restrito ao consciente, mas não chega a afirmar cabalmente essa identidade”. Nas palavras de Freud ([1894], 1996a p. 67) temos que:

O divorcio entre a representação sexual e seu afeto, e o enlace deste último com outra representação, adequada, porém não inconciliável: eis aí processos que acontecem sem consciência, que somente é possível supor, e nenhuma análise clínico-patológica é capaz de demonstrar. Talvez seria mais correto dizer: estes, de modo algum são processos de natureza psíquica, mas processos físicos cuja consequência se figura como se real e efetivamente tivesse acontecido o expresso mediante o circunlóquio “divórcio entre a representação e seu afeto”, e “enlace falso” deste último.

Podemos observar que Freud já delineava um inconsciente que, apesar de ser uma ideia, se apresentava como uma dificuldade naquele momento, que o impedia de assumi-la totalmente.

Assim, no texto “Estudos sobre a histeria” (1895), tanto Freud como Breuer já acreditavam na proposta de que sintomas histéricos poderiam ocorrer devido a representações inconscientes, pensavam assim mesmo com diferentes propostas para o mecanismo psíquico da histeria, mas concordamos com Caropreso (2003, p. 338), quando afirma que o uso do termo inconsciente tanto para Freud como para Breuer ainda não apresentava uma concepção clara sobre a sua constituição.

Para Breuer, as representações inconscientes seriam diferentes na atividade psíquica normal e nas atividades psíquicas de casos patológicos. No funcionamento normal, as representações chegariam à consciência quando atingissem certo limiar e as que não

atingissem ficariam inconscientes. Entretanto, poderiam chegar à consciência caso o limiar fosse atingido. As representações inconscientes que determinariam a histeria não poderiam chegar à consciência mesmo que atingissem o limiar.

Freud, no entanto, mantém a hipótese sobre a histeria que havia sido proposta em “As neuropsicoses de defesa”. Para ele haveria um núcleo composto por representações traumáticas e por um amplo material mnêmico formado de representações que, ao se associarem às representações traumáticas, também se tornavam patológicas. As representações estariam organizadas do núcleo para a periferia seguindo uma cronologia, com resistências decrescentes com uma lógica causal. Tais representações poderiam ser liberadas a partir da superação das resistências e seguiriam a ordem contrária à da constituição, ou seja, da periferia para o núcleo, ordem em que representações nucleares ficariam com o esclarecimento do sintoma.

Outro correspondente, até mesmo considerado por alguns estudiosos da psicanálise como colaborador, foi Wilhelm Fliess, apresentado a Freud em 1887 por Breuer, e que teria correspondido com Freud até 1902. Essas correspondências mantidas com Fliess foram conservadas e puderam elucidar o desenvolvimento da teoria freudiana. Uma de suas cartas mais importantes para o trabalho que propomos é a 52, escrita a Fliess, pois por ela podemos confirmar o pensamento voltado ao inconsciente, considerado também na carta a Breuer (1892).

Segundo Garcia-Roza (2004, p. 17-18), nesta carta se confirma a ideia de Freud sobre a escritura psíquica (representação) e, desta forma, para este autor, a carta 52 constitui-se num texto que “opera a passagem de *Afásias e o Projeto* para *A interpretação dos sonhos*, e onde já vemos esboçado o modelo de aparelho psíquico do capítulo 7”. Por isso, colocaremos esta carta antes do *Projeto*, que, por sua vez, também é uma carta escrita a Fliess que, a nosso ver, devido aos conceitos que nela são descritos é um outro marco na obra freudiana.

Na carta 52, escrita em 6 de dezembro de 1896, Freud considera a memória como um atributo muito importante do psíquico, talvez a sua própria essência. A memória é descrita como um registro que ocorreria no cérebro e faz referências à consciência e ao inconsciente muito semelhantes às que viriam a ser colocadas no “Projeto para uma Psicologia Científica” de 1895, e também na “Traumdeutung” de 1900.

O diagrama que segue é cópia do que está mostrado na carta 52, (FREUD [1892-1899] 1996a, p.279:

		I		II		III		
W		Wz		Ub		Vb		Bews
X X	_____	X X	_____	X X	_____	X X	_____	X X
X		X X	X	X	X	X	X	

W [Wahrnehmungen (percepções)]. Freud explica que estes são neurônios que estão no início das percepções, os quais estão ligados à consciência, porém não têm traços de memória.

Wz [Wahrnehmungszeichen (indicação da percepção)]. Este neurônio recebe o primeiro registro de percepção e é incapaz de “assomar à consciência e se dispõe conforme as associações por simultaneidade”.

Ub [unbewusstsein (inconsciência)]. Neste neurônio ocorre o segundo registro da percepção que se coloca de acordo com outras relações que podem ser causais. “Os traços Ub talvez correspondam a lembranças conceituais; igualmente sem acesso à consciência.

Vb [Vorbewusstsein (pré-consciência)] Caracterizada por Freud como a “terceira transcrição, ligada às representações-palavra e corresponde ao nosso ego reconhecido como tal, e que pode tornar-se consciente seguindo algumas regras.

Freud escreve ainda que algumas lembranças são recalçadas da consciência, por serem lembranças que provocam desprazer. Para ele, isto ocorre devido a uma defesa psíquica.

Também é escrito a Fliess, nesta mesma carta, que a memória pode surtir em sintomas, bem como dá um exemplo no caso da neurose obsessiva que menciona acreditar que a localização do recalçado está na representação da palavra e não no conceito vinculado a ela, ou seja está na memória verbal (FREUD, 1996a, p.323).

1.2 Projeto para uma Psicologia Científica

Posteriormente a uma visita a Fliess, em 1895, Freud começa a rascunhar uma proposta para a psicologia que a colocasse dentro da ciência natural. Este trabalho que ficou conhecido como “Projeto para uma Psicologia Científica” foi apenas publicado meio século depois de sua concepção, após a morte de Freud.

O “Projeto para uma Psicologia Científica” não passou de um rascunho, uma carta escrita para Fliess, em que Freud parece ter perdido o entusiasmo pela teoria nela descrita logo depois de tê-la enviado.

Segundo Garcia-Roza (2004b, p. 70), Freud deixou o Projeto fora do conhecimento até mesmo de seus amigos que compartilhavam da teoria psicanalítica, claro, com exceção de Fliess. No entanto, apesar deste trabalho ter sido desprezado pelo autor, estudiosos da psicanálise encontram nele ideias que viriam aparecer em textos posteriores.

Para Garcia-Roza (2004b), existem várias ideias que reaparecem posteriormente, mas ele exemplifica com a ideia de *tela protetora* (proteção antiestímulo) e a noção de ligação (*Bindung*), que reaparecem como conceitos importantes em “Além do Princípio de Prazer” vinte cinco anos depois de o Projeto ter sido escrito.

Para Wollheim (1971, p. 46), Freud constituiu o “Projeto” como uma descrição neurológica do cérebro e de seu funcionamento, mas também como um modelo teórico da mente que reflete tanto os processos normais como também os patológicos. Essas duas propostas contidas no “Projeto” são compatíveis, visto que Freud vislumbrava a possibilidade de construir uma teoria nos moldes da ciência com bases materialistas, pois segundo Wollheim, Freud “acreditava que os fenômenos psicológicos exibem muitas das mesmas características e padrões característicos dos fenômenos neurofisiológicos de que os psicológicos dependem causalmente”.

Já no início do “Projeto”, Freud identifica qual seria a sua proposta que viria a ser considerada a sua base; então, escreve na Parte I ou “Plano Geral” que:

A finalidade deste projeto é fornecer uma psicologia [científico - naturalista]: isto é, [apresentar] os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição. Há duas ideias principais em jogo: [1] Conceber aquilo que distingue a atividade do repouso como Q, sujeita às leis gerais do movimento. [2] Supor como partículas materiais os neurônios.(1). (FREUD, 1950 [1895]) (1995, p.9).

Para Garcia-Roza (2004b, p. 79), nenhuma dessas duas ideias eram novas, pois já haviam sido consideradas por outros estudiosos, ou, ainda, já se faziam presentes no cenário científico da época. A novidade estaria na forma de articular tais ideias.

No “Projeto”, o psiquismo tem o potencial de transmitir e transformar uma energia determinada, chamada por Freud de quantidade (Q), mas Freud também utiliza em sua descrição de aparelho psíquico a (Qn).

Garcia-Roza (2004a, p. 47) não acredita na distinção muito precisa entre Q e Qn já que em alguns momentos Freud utiliza-se apenas do termo quantidade, mas explica que Q se refere às quantidades de excitação ligadas a estímulos externos e Qn seria ligada à atividade interna.

Freud descreve o funcionamento do aparelho psíquico no *Projeto* por meio do “princípio de inércia”¹⁰, que estabelece que os neurônios tendem a descarregar completamente toda a quantidade (Qn) que recebem. Assim sendo, seu funcionamento assemelha-se ao arco reflexo, que também tende a eliminar a quantidade de excitação na extremidade motora. A estrutura dos nervos divide-se em motores e sensoriais, que funcionam como um mecanismo responsável em cancelar a recepção de Qn por meio da sua emissão, pois a tendência primordial do aparelho psíquico é de anular todo o aumento de Qn, mantendo-o igual a zero a fim de evitar o desprazer, que está associado ao aumento de Qn. Esta eliminação apresenta a função primária do sistema nervoso e está ligada a estímulos de fontes externas.

No entanto, não há só a função primária, também existe uma função secundária que funciona a fim de eliminar ou descarregar energia de origem interna, mantendo-se dentro de certos limites. E estas duas funções estão reguladas por um mecanismo chamado por Freud de “Princípio de Prazer”. O Princípio de Prazer funcionaria como regulador de energia. Assim, quanto maior for a quantidade de energia, maior será a necessidade de descarga, visto que acarretará uma sensação de desprazer. Por outro lado, o prazer seria associado à descarga.

O escoamento de Qn, contudo, poderia ainda dar lugar ao desenvolvimento de uma função secundária do sistema nervoso, pois as vias de escoamento podem ser mantidas aquelas ligadas com a cessação do estímulo, possibilitando aos neurônios manter-se longe de fontes de excitação, configurando a fuga do estímulo. Porém, “existe uma proporção entre a quantidade de excitação e o desempenho necessário para a fuga do estímulo, de modo que o princípio da inércia não é perturbado por isso” (FREUD, 1950, p.10). Freud ainda ressalta que o princípio da inércia varia com a complexidade crescente do interior do corpo, pois os estímulos de ordem endógena devem ser igualmente eliminados, necessitando de uma ação corporal no mundo externo, chamada de ação específica.

As partículas materiais, ou neurônios descritos por Freud, são estruturalmente iguais, mas distintos quanto a suas funções. Os neurônios podem estar ocupados com Qn e, outras vezes, vazios. Segundo Freud (1950, p. 12), “a arquitetura do neurônio sugere que se desloquem as resistências em seu conjunto para os contatos e, desta maneira, obtêm o valor de

¹⁰ Segundo Garcia-Roza (2004, p. 89), o princípio de inércia não reaparece em textos metapsicológicos de Freud da posteridade.

barreira”. Então, o sistema de neurônios estrutura-se de maneira a formar “barreiras de contacto”, as quais oferecem resistência à descarga localizada nos pontos de contato entre os neurônios. Esta capacidade de resistência permite que os neurônios sejam diferenciados, ou ainda, podem ser permeáveis quando são aqueles que permitem a passagem de Qn sem oferecer resistência; ou impermeáveis quando formam uma barreira de contato oferecendo resistência à passagem de Qn. A barreira de contato é responsável por uma característica muito importante que é a memória neuronal não se tratando aqui de memória consciente como proposta pela psicologia. Esta memória seria relacionada à “capacidade do tecido nervoso de ser alterado permanentemente, contrariando a uma matéria que permitisse a passagem da energia e retornasse ao seu estado anterior” (GARCIA-ROZA, 2004b, p. 94).

Desta forma, Freud postula a existência de duas classes de neurônios, os permeáveis, que permitem a passagem de Qn e que, após esta passagem, voltam ao estado anterior sem alteração de sua estrutura; e os neurônios impermeáveis, que opõem uma resistência à livre passagem de Qn por meio das barreiras de contato e que, após a excitação causada pela Qn, podem ficar diferentes do que eram anteriormente, constituindo assim um traço de memória, ou ainda, uma representação.

Freud, então, caracterizou os neurônios com diferenças estruturais, onde o grupo de neurônios com a mesma característica e o mesmo tipo determinado de funcionamento seria chamado de sistema. O grupo de neurônios perceptivos, Freud chamou de sistema ϕ e o grupo de neurônios responsáveis pela memória, de sistema Ψ . O sistema ϕ , que corresponde ao sistema sensorial, é responsável pela transmissão dos dados vindos do meio ambiente, por meio dos sentidos. Este neurônio é do tipo permeável, permitindo o escoamento de Qn, destinada à percepção.

O sistema Ψ é formado por neurônios impermeáveis, que devem oferecer resistência à passagem de Qn, e com esta resistência são responsáveis por formar traços de memória. O traço de memória que é formado devido às barreiras de contato¹¹, quando recebe uma descarga do fluxo de Qn, propicia a formação de trilhas ou um rastro, deixando marcas permanentes no cérebro, indicando o caminho percorrido em uma série de associações resultantes. Este caminho formado propicia um grau de facilitação para a condução de Qn, tornando o neurônio mais permeável. Na ausência de ocupação de Qn, a memória continuaria existindo potencialmente, dado que ocorreria o processo chamado de facilitação (bahnungen).

¹¹ Em Wollheim (1971, p. 49) há referência de que as barreiras de contato foram posteriormente comprovadas e chamadas de sinapses.

A facilitação é especificada por Freud como sendo um recurso que constitui a memória do sistema Ψ , visto que ela diminuiria a resistência à passagens de Q_n . Porém, segundo Garcia-Roza (2004b, p. 99), não se trata apenas de facilitar um caminho, uma trilha e, sim, de dificultar outros caminhos, e isso implicaria em uma seleção do percurso adequado, pois se todos os percursos fossem facilitados a excitação seria aleatória, não configurando uma memória. Garcia-Roza (2004b) esclarece que a memória seria caracterizada pela diminuição das resistências oferecidas por certas barreiras de contato que facilitam o percurso em determinadas direções e não em outras, dando lugar à repetição dos percursos facilitados. E assim, pode-se dizer que: “A memória está apresentada pelas facilitações existentes entre os neurônios Ψ .” (FREUD 1950, p.14).

Mas a Q_n não vem apenas de fontes externas; como já foi dito, há também uma fonte de energia no interior do organismo que é traduzida por fome, dor, desejo, entre outras. Para explicar a descarga das fontes endógenas e das exógenas no sistema Ψ , Freud divide os neurônios Ψ , em Ψ do manto, que recebem Q_n de fontes exógenas via ϕ e Ψ do núcleo que recebem Q_n de fontes endógenas, vindas do interior do corpo. As Q_n endógenas seriam muito pouco intensas, e para conseguir facilitar as barreiras de contato que separam Ψ do manto do interior do organismo, elas teriam que se somar progressivamente. Quando conseguissem ingressar em Ψ do manto, elas adquiririam expressão psíquica, ou seja, dariam origem ao traço de memória.

O conjunto de ocupações de Ψ do núcleo constituiria a base do “ego”. Este seria portador de armazenamento de quantidade que seria utilizada por ele para o direcionamento dos processos associativos, de modo que alcançassem as condições necessárias para tal satisfação e impedissem a produção de desprazer. O ego teria acesso às facilitações de Ψ do manto e, por isso, seria composto por uma parte constante, as ocupações do núcleo e uma parte variável, as ocupações ocasionais do manto, que teriam a finalidade de ali alterar o curso associativo. Os neurônios do ego estariam sempre ocupados, ou seja, estariam em estado ligado.

Desta forma, temos que o sistema ϕ é responsável em conduzir a energia que vem de fonte exógena e que funciona segundo a lei da inércia neurônica, ou seja, tende a livrar-se de toda Q . Porém, o sistema Ψ é diferente porque possui a capacidade de armazenar energia vinda de fonte interna ou externa e é essa capacidade de armazenar energia que permite à memória, associação, pensamento, entre outros. (GARCIA-ROZA, 2004b, p. 102). Os sistemas ϕ e Ψ são responsáveis pelo nível inconsciente do funcionamento dos sistemas

neurônais, sendo enfocados como quantitativos¹² e a consciência é a que trará o fator qualidade para o aparelho psíquico no *Projeto*.

Para Garcia-Roza (2004b, p. 103), a consciência não estaria em princípio nos planos descritivos de Freud, já que ele argumenta no início do *Projeto* que sua descrição do aparelho psíquico seria em termos quantitativos contando apenas com os neurônios e com a quantidade Q, os quais estariam divididos em sistemas ϕ e Ψ . Mas Freud percebe que sua descrição seria primária, pois não esclarece a questão da qualidade que por sua vez traz a consciência à tona. Desta forma, a consciência descrita por Freud traria o fator qualidade e outro grupo de neurônios seria responsável por ela, sendo estes neurônios denominados de ω . As qualidades seriam provenientes das percepções que ativariam os neurônios ϕ , que as transmitiriam a Ψ e estes aos neurônios ω . Os neurônios deste último sistema recebem estimulação por período de vibração porque são incapazes de receber Qn, sendo as barreiras de contato do sistema Ψ , as responsáveis em criar uma vibração em um dado período semelhante a uma indução. Os neurônios ω seriam, então, ocupados por qualidades e sua característica principal é de serem totalmente permeáveis, pois a consciência é caracterizada por transitoriedade de fatos, o que implica mudança de conteúdos devido à rápida combinação de qualidades simultâneas percebidas. Com a permeabilidade, os neurônios podem voltar ao estado anterior e estão prontos para receber quantidades e qualidades. Neste sistema ω , não há memória, os neurônios se comportam como órgãos perceptivos.

O sistema ω é excitado por meio de diferenças nas características temporais (ou períodos) dos movimentos de Qn, presentes nos neurônios do sistema ω , que traduz as sensações de qualidade, fornecendo ao mesmo tempo um signo de realidade para o sistema mnêmico Ψ , possibilitando a discriminação entre uma percepção real e uma alucinação. Assim, se o aparelho psíquico recebesse um estímulo externo que seria captado pelos receptores ou terminações nervosas do sistema ϕ , que iriam agir como seletores deixando entrar Qn em medida “correta” e que, em seguida, transfeririam esta Qn para Ψ que, por sua vez, transferia a ω , então, seriam produzidas sensações conscientes.

Sobre o aparelho de consciência descrito por Freud, Garcia-Roza (2004b, p. 105) explica que não é descrito com coerência segundo os sistemas Ψ e ϕ , pois o sistema ω

¹² Segundo Garcia-Roza (2004b p. 103), “Freud considera a quantidade como um *quantum* finito e determinado de energia que circula pelo aparato psíquico.” Para ele, a quantidade difere-se das qualidades sensíveis e é possível de se ter aumento e diminuição desta, apesar de não ser possível mensurá-la.

“funcionaria com o mínimo de investimento ou até mesmo quando está desinvestido”. Garcia-Roza (2004b, p. 106) ainda argumenta que o sistema ω :

Tem que manter uma permanente permeabilidade, o que é incompatível com uma quota de investimento tal como a que admitimos no sistema Ψ . Por outro lado, a consciência também não poderia pertencer ao sistema ϕ . Se por um lado, ele atende à exigência de uma ausência de investimento, por outro, ele não atende à exigência de complexidade e de plasticidade exigidas pela consciência.

Segundo Garcia-Roza (2004b, p. 52-53), Freud teria esclarecido alguns pontos sobre esta articulação dos sistemas Ψ , ϕ e ω em uma carta escrita a Fliess (1º de janeiro de 1896). Nesta carta ele afirma que os neurônios podem se afetar mutuamente de três maneiras: “1º) transferindo quantidade (Q) entre si; 2º) transferindo qualidade entre si e 3º) exercendo uma forma de excitação recíproca”. É a possibilidade de excitação recíproca que torna coerente a ocupação em ω , pois libera este grupo de neurônios de se excitar por acúmulo de energia. Assim, os neurônios ω não recebem Q, mas “assumem o período de excitação decorrente de sua articulação com os neurônios Ψ ”.

A consciência descrita no *Projeto* também estaria ligada ao processo de rememoração sendo possível devido a uma associação de representação de coisa ou objeto com uma representação de palavra, ou seja, um signo (palavra) geraria consciência. No entanto, para tornar a lembrança consciente seria necessário que essa representação, de alguma forma, produzisse percepção, porém, não proveniente de ϕ , mas sim, de uma representação ocupada pelo “ego”, e para possibilitar a formação dessa percepção, Freud propõe que a representação de palavra seja formada por uma imagem cinestésica. A imagem cinestésica, por sua vez, produziria movimentos, os quais levariam à percepção gerando um signo de qualidade e, então, a representação de objeto a ela associada poderia tornar-se consciente. A representação de palavra para Freud seria como uma rede de associação, na qual estariam presentes quatro elementos: a imagem acústica, a imagem cinestésica da fala, a imagem visual e a imagem cinestésica da escrita. A representação de objeto seria também um complexo associativo estruturado por meio de diversos tipos de imagens sensoriais.

Para Freud, a ligação entre a representação de palavra e a de objeto estaria na junção da imagem acústica da primeira com a imagem visual da segunda, sendo essa junção, pelo menos no caso dos substantivos, a representação de objeto que confere sentido à representação de palavra. Assim, a representação de objeto se daria por meio da união da imagem acústica da palavra e dessa com a sua imagem cinestésica, produzindo uma

percepção, que levaria ao despertar de um signo de qualidade e, então, a memória do objeto poderia tornar-se presente.

Com a constituição da representação de palavra, os processos que ocorressem em Ψ como resultado da ação do ego poderiam alcançar a consciência e assim surgir a rememoração. No entanto, quando há apenas memória de objeto em Ψ , os processos são inconscientes, com exceção dos que exigem eliminação motora e os de alucinações, em que a consciência seria imediata e seria consequência de percepções. Com a emergência da linguagem, surge uma nova possibilidade de consciência que é mediata e intermediada pelos signos linguísticos. (SIMANKE; CAROPRESO, 2005, p. 98). Assim, as representações seriam inconscientes até serem ligadas a signos quando tornariam conscientes. Porém, algumas não seriam associadas a palavras, e então, ficariam inconscientes e outras, apesar de associadas a palavras, devido a um bloqueio ou interrupção dessa associação, também seriam inconscientes.

Então, representações inconscientes poderiam ocorrer se: - As associadas a palavras, cujos signos de qualidade não estariam ocupados pelo eu ou não estariam despertados. Estas representações poderiam tornar-se conscientes. As representações que nunca foram associadas às palavras e, então, não seriam conscientes. E aquelas em que a associação à palavra foi impedida devido à possibilidade de causar desprazer. E então, esta representação estaria reprimida e por isso poderia ser responsável pela produção de uma neurose; ou seja, a representação inconsciente, que propiciaria os sintomas neuróticos, seria uma representação de objeto e sua associação com a representação de palavra estaria bloqueada impedindo a sua rememoração e conseqüentemente a produção de desprazer. Desta forma, a consciência estaria submetida à memória e apenas uma parte das representações, as que despertassem signos ocupados pelo ego, se tornariam conscientes.

Simanke e Caropreso (2005 p. 92) argumentam que Freud no *Projeto* “estende a noção de psíquico em relação à consciência”, ou seja, não a torna o centro das atividades psíquicas, diferentemente do que fez no texto “Sobre a concepção das afasias” (1891), em que mantém a identificação do psíquico com a consciência, mesmo reconhecendo a existência de sintomas de neurose como pertencente ao inconsciente. Sendo no *Projeto* que Freud admite a possibilidade de um psíquico inconsciente. Refere:

Temos tratado os processos psíquicos como algo que poderia carecer deste conhecimento através da consciência, que existe independentemente de uma tal consciência [...] Se não nos deixarmos desconcertar, por isso, segue-se dessa pressuposição que a consciência não proporciona conhecimento nem completo, nem confiável dos processos neuronais; estes últimos têm que ser

considerados, antes de tudo e em toda sua extensão, como inconscientes e têm que ser inferidos como as outras coisas naturais. (FREUD, [1895] 1950, p. 400).

E Freud ainda argumenta que:

Segundo uma teoria mecanicista avançada, a consciência é um mero acessório dos processos fisiológico-psíquicos, cuja supressão não alteraria nada no decurso psíquico. Segundo outra doutrina, a consciência é o lado subjetivo de todo acontecimento psíquico, portanto inseparável do processo anímico fisiológico. Entre ambas situa-se a doutrina aqui desenvolvida. Consciência é, aqui, o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos no sistema nervoso – isto é, dos processos ω – e a supressão da consciência não deixa inalterada o acontecimento psíquico, mas inclui em si a supressão da contribuição de ω . (FREUD, [1895] 1950, p. 404).

O inconsciente no *Projeto* é concebido como processo psíquico, como representação e é processo nervoso. Essa forma de descrição de Freud é compatível com uma ciência naturalista e traz uma mudança na relação mente e corpo, passando então a conceber mente inconsciente e cerebral de um lado, e, de outro, mente consciente e mente inconsciente. (SIMANKE; CAROPRESO, 2005, p. 93). Segundo Simanke e Caropreso (2005, p. 93), Freud propõe uma ocorrência de identidade entre os estados mentais inconscientes e os processos cerebrais, mas não fica claro como Freud articula a relação mente - consciente e inconsciente. Esta relação fica, então, aberta às especulações como se ele mantivesse o paralelismo com a relação consciente - inconsciente.

Para Milidoni (1994, p. 164), os processos psíquicos descritos por Freud apresentam uma “identidade funcional com os processos neurofisiológicos”, mas que pressupõem a interação com o meio ambiente, bem como com a interação com outro ser humano. Assim, para esta autora, o psicológico tal como descrito no *Projeto* é:

Aquilo que emerge do neurofisiológico na qualidade intencional/representacional, configurando uma categoria ontologicamente distinta dos processos, mas que é, ao mesmo tempo, aquilo que funciona, do ponto de vista quantitativo-energético, de uma maneira idêntica ao neurofisiológico. (MILIDONI, 1994, p. 165).

A proposta arrojada de Freud de criar um modelo para a mente é, segundo Wollheim (1971, p. 64), “um modelo mecânico para representar e explicar o funcionamento da mente. E, se foi, além disso, fê-lo apenas para insistir em que existe um substrato fisiológico nos fenômenos psicológicos, substrato esse que deve, em última análise, ser compreendido”.

Entendemos que Freud deixa claro no *Projeto* sua vontade de fazer uma psicologia que se enquadrasse nos moldes da ciência, sendo que, para isso, descreve os processos psíquicos como constituídos de partículas materiais determinadas quantitativamente; mas também entendemos que a proposta de Freud no *Projeto* era uma saída conceitual para suas ideias sobre o inconsciente que, desde os primeiros trabalhos, já se podia notar que as reconhecia sem poder assumi-las já que a teoria conceitual que escolhera no momento anterior não respaldava uma ideia de mente inconsciente.

A importância do *Projeto* na obra freudiana é muito controversa, segundo Simanke (2005p. 13), pois estudiosos da psicanálise se dividem com relação à importância deste rascunho para a obra como um todo. Existem aqueles que acreditam que o *Projeto* representou um recuo em relação à tendência à psicologia que se mostrou em textos como o das afasias de 1891 e outros anteriores ao *Projeto*. Estes estudiosos acreditam em uma recaída de Freud aos construtos científicistas, materialistas e naturalistas em que tinha se formado como médico. Mas existem outros estudiosos que defendem uma continuidade nos textos freudianos, como Simanke que argumenta que a “monografia *Sobre a concepção das afasias* (Freud 1891) pode ser considerada o passo inaugural da metapsicologia, principalmente porque se ocupa, para além da crítica do localizacionismo”. No entender de Simanke (2005) o *Projeto* não é um recuo, é uma continuidade que retrata de forma mais precisa a “constituição das representações em relação com sua base neural”, bem como soluciona problemas que em textos anteriores não conseguira devido a suas opções teóricas, como é o caso da memória. Para Simanke, o *Projeto* amplia o conceito de representação iniciado no trabalho das afasias, descrito também nos textos sobre a histeria de 1893 e neuropsicoses de defesa em 1894, e, ao descrever de maneira mais coerente o funcionamento da memória, cria nexos que possibilitam afirmar que o *Projeto* é um trabalho que é:

O ponto privilegiado de convergência entre duas linhas de reflexão já em curso no pensamento freudiano: a explicação das neuroses, da qual emergirão conceitos cruciais para a teoria psicanalítica, e os primeiros movimentos na elaboração de um fundamento conceitual comum para a psicologia e as funções psicológicas normais, que tem o conceito de representação por eixo e já merece a designação de metapsicologia. (SIMANKE, 2005, p. 13).

Para Simanke (2005), nos trabalhos anteriores, devido à escolha metodológica de Freud e Breuer que demonstravam influência de Hughlings Jackson, o psíquico era relacionado ao consciente e, com isso, as representações responsáveis pelos sintomas históricos são tidas como percepção da consciência e que, estando abaixo do limiar dessa

percepção, cessa a possibilidade de ter efeitos, ou seja, não tem efeito psicológico. Então, o inconsciente existia como aquele que não atingiu a consciência. Por meio da clínica das neuroses é que se começa a delinear os processos representacionais inconscientes que, no *Projeto*, Freud assume integralmente, vendo-os não só associados a patologias como anteriormente propunha com Breuer, mas também como explicação de processos psíquicos normais, havendo assim uma generalização do conceito representacional. A representação passa a ser vista de uma forma quantitativa, dinâmica e podendo ser inconsciente e também tornar-se consciente.

A nosso ver há uma continuidade que liga os trabalhos freudianos que já poderia ser notada até aqui, e que nos capítulos que se seguirão nos propomos a deixar mais clara esta ligação. Contudo, ainda acreditamos que um ponto pode ser visto como crucial neste elo que é a teoria representacional que aparece nos textos freudianos do começo até a sua concepção final de mente.

A representação no *Projeto* é ligada a uma representação afetiva, um afeto, como descrito anteriormente no caso das histerias, e este afeto é responsável por uma carga somática de quantidade a qual provoca desprazer como resultado de uma recordação de uma vivência dolorosa. De imediato, ocorre uma defesa no processo secundário ou no processo primário impedindo que ela chegue à consciência, e essa representação afetiva ficaria retida no inconsciente. O afeto e o desejo são responsáveis pela vivência da dor e a vivência da satisfação que podem ou não ganhar a consciência, portanto, esses processos ocorrem enquanto inconsciente e apenas objetivando que o consciente recebe vivência prazerosa, com isso podemos perceber que esta proposta de inconsciente é dinâmica.

Ainda no *Projeto*, Freud descreve a representação como um fato da memória, quando considera que o sistema Ψ é a base dos processos psíquicos em geral, sendo que uma representação não corresponderia a apenas um neurônio, e sim, a um complexo neural estabelecido por meio de facilitações das barreiras de contato que conectam os neurônios que o constituem entre si, permitindo que este complexo seja ativado como um todo e funcione como uma unidade (SIMANKE, 2005, p. 38). Assim, Freud constitui um contexto formado de elementos como a representação, a memória, a defesa, a própria teoria de aparelho neurológico com a quantidade, que fornecem prerequisites que garantem não só uma teoria da mente, mas principalmente garante uma ideia de mente inconsciente.

Contudo, o “Projeto” parece ter sido esquecido por Freud que não o teria mencionado em qualquer dos escritos subsequentes. Mas, em “A interpretação dos Sonhos”, quando Freud escreve um capítulo sobre a teoria da mente (Psicologia dos Processos

Oníricos) parece retomar ideias expostas no manuscrito. É no “Projeto” de 1895 que a ideia de inconsciente (Ucs – Unbewusste) emerge, mas vai se constituir de fato no trabalho que ficou conhecido como “A Interpretação dos Sonhos” (1900), o qual também marca o nascimento da Psicanálise.

CAPÍTULO 2 - MENTE, CORPO, MARCAS NA PRIMEIRA TÓPICA.

Alguns estudiosos da obra de Freud acreditam na existência de um elo entre o “Projeto” e “A interpretação dos sonhos”, pois veem o trabalho freudiano como uma continuidade. Este elo entre o “Projeto” e “A interpretação dos sonhos” poderia estar relacionado ao fato da elaboração de um aparelho psíquico com a intenção de entender o funcionamento do mental¹³, presente nos dois textos, e ainda são observadas ideias do primeiro texto que são conservadas no segundo.

Outros estudiosos vão mais longe, considerando que o início deste *continuum* seria o ensaio sobre a afasia de 1891, estabelecendo ligações entre o Freud neurologista e o psicanalista (SIMANKE, 2006b).

Existe outro ponto que une estes dois trabalhos, mas é importante se referir a um que aproxima justamente na diferença de abordagem que se dá no *Projeto* com a valorização do neurológico, vendo possibilidade de conferir confiabilidade ao trabalho, contrapondo-se com *A interpretação dos sonhos* em que Freud parece ter abandonado a neurologia e assumido a ideia de um inconsciente psíquico, colocando a interpretação como método psicanalítico. O elo estaria nesta diferenciação entre o *Projeto* e a *A interpretação dos sonhos*, pois estudiosos afirmam que Freud, ao demonstrar o abandono de suas hipóteses sobre o aparelho psíquico em termos explicitamente neurológicos, manteve argumentos que remetem a um sistema neurológico, apenas mudou a maneira de colocar-se frente à descrição do psíquico. E isto pode ser conferido por meio dos pontos em toda a sua obra em que Freud declara a sua expectativa quanto à possibilidade de um dia haver uma explicação orgânica para os processos psíquicos.

No texto de *A interpretação dos sonhos* de 1900, Freud assume de fato o Inconsciente¹⁴ como psíquico, e isso leva a uma modificação do estatuto epistemológico e ontológico da mente, pois, durante séculos, o psíquico havia sido identificado com a consciência. Freud acredita que este texto traz uma grande revelação, uma grande descoberta, que se trata da utilização do sonho como meio de conhecer o funcionamento da mente.

¹³ No texto freudiano em questão, James Stranchey utiliza em alguns momentos a terminologia aparelho mental, outras vezes, aparelho psíquico e outras, aparelho anímico. Entendemos aparelho psíquico como sendo sinônimo de mente.

¹⁴ A primeira vez em que Freud assume em um texto publicado por ele que o Inconsciente é o psíquico foi em “A interpretação dos sonhos”, pois no *Projeto* de 1895, apesar de Freud descrever o inconsciente, ele não o levou para a publicação, pelo contrário, parece tê-lo mantido fora do alcance da publicação.

O nosso interesse pela obra de 1900 está no capítulo VII, intitulado “A psicologia dos processos oníricos”, onde Freud mostra o Inconsciente em meio a um modelo de aparelho psíquico que se utiliza dos sonhos para sua explicação.

Garcia-Roza (2004c, p.154-155) comenta que este título *A psicologia dos processos oníricos* nos leva a entender que se tratará de uma abordagem psicológica, mas Freud explica que é uma abordagem metapsicológica, ou seja, que vai além do que propõe a psicologia, configurando uma diferença de abordagem. Esta metapsicologia tem a intenção de criar construtos que possibilitem a análise dos sonhos, bem como, forneçam compreensão para os processos psíquicos em geral. O sonho é concebido como um texto psíquico, onde as suas imagens se estabelecem como um texto, articulando-se como uma linguagem, como um complexo de sinais, o que demonstra que o psíquico freudiano é concebido com uma natureza simbólica.

O aparelho psíquico de 1900 é conhecido como “Primeira Tópica”¹⁵ por se tratar de uma descrição de um aparelho com uma organização psíquica dividida em sistemas que possuem funções específicas interligadas entre si, ocupando um certo lugar na mente. Freud nos adverte para não confundirmos este lugar psíquico com lugar anatômico, ou seja, o lugar referido nos leva a compreensão de um lugar ideal. Assim, os lugares psíquicos “correspondem ao vazio entre os sistemas”, enquanto que os sistemas “são os elementos que compõem o aparelho psíquico.” (GARCIA-ROZA, 2004c, p. 157).

Garcia-Roza (2004c) argumenta que os sistemas estão organizados em sequência, permitindo que a excitação percorra cada um deles, obedecendo nem tanto uma sequência espacial, mas uma sequência temporal.

Assim, em *A interpretação dos sonhos* de 1900, (capítulo VII), Freud formula sua concepção de aparelho psíquico seguindo uma topografia constituída por lugares que são representações metafóricas. Trata-se de uma descrição tópica fundamentalmente sistemática, onde os sistemas são chamados de Inconsciente, Pré-consciente e Consciente.

2.1 A mente inconsciente de 1900

A mente de 1900 constituída por sistema coloca então o inconsciente não apenas como conteúdo fora da consciência, mas como um sistema.

¹⁵ Em grego, “topos” refere-se a lugar, então, a “Primeira Tópica” significa dizer um modelo de lugares.

O Inconsciente funciona com dupla responsabilidade por meio de dois sistemas separados: o Inconsciente que é inadmissível à Consciência e o Pré – consciente que, após passar por uma nova censura, pode chegar à Consciência. Ao Pré – Consciente cabe não só barrar os conteúdos de chegarem à Consciência, como também de controlar o acesso à motilidade voluntária, tendo a seu dispor uma energia de catexia móvel em que parte dela é utilizada para a atenção. O Inconsciente apenas tem acesso à Consciência depois de passar pelo sistema Pcs/Cs (Pré-Consciente/Consciente), sendo que, para isso, seus conteúdos devem ser transformados, seguindo a exigência do Pcs/Cs. O Ics é carregado de desejos e estes se ligam a pensamentos oníricos do Pcs/Cs que procuram acesso à consciência, permitido pela diminuição da censura durante o sono. A Consciência tem o papel de um órgão sensorial que propicia a percepção de qualidades psíquicas.

O aparelho psíquico descrito por Freud em 1900 é composto de sistemas Ψ que têm um sentido a seguir, ou seja, a atividade psíquica seria regida pelos estímulos internos ou externos que, ao serem percebidos em uma extremidade sensorial, seguirão até à extremidade motora. Alguns processos, segundo Freud, realizam modificações no sistema, configurando traços mnêmicos ou de representação. Freud descreve um sistema perceptual que está aberto a novas modificações e outro que é o mnêmico, em que ocorre a memorização. O sistema perceptual não tem memória, mas é a incidência da percepção no sistema psíquico que, ao deixar uma marca, forma a memória. As percepções, segundo Freud, estão “mutuamente ligadas em nossa memória”, segundo “a simultaneidade de sua ocorrência” e formando uma conexão que Freud chama de associação. A associação se formaria com a diminuição da resistência e o estabelecimento de vias de facilitação (as que deixam uma marca) que permitiriam que a excitação fosse transmitida de um primeiro elemento Mnem para o segundo, e assim por diante. (FREUD, [1900] 1996b, p. 569). Então, para Freud, um único estímulo pode ser responsável em acionar diversos elementos Mnem, desde que o primeiro traço Mnem tenha conteúdos da associação por “simultaneidade temporal”. Os sistemas posteriores receberão o mesmo material perceptivo por meio de outro tipo de coincidência, de forma que “um desses sistemas posteriores, por exemplo, registrará relações de similaridade e assim por diante, no que concerne aos outros” (FREUD, [1900]1996b, p. 570).

Contudo, o sistema perceptual acaba suprimindo a nossa consciência de toda multiplicidade de qualidades sensoriais, mesmo não tendo memória. Por outro lado, as lembranças são descritas como sendo inconscientes em si mesmas, que até podem se tornar conscientes, mas que mesmo inconscientes são capazes de produzir seus efeitos. O sistema ω

tal como no *Projeto* aparece ligado à percepção e esta junção permite a explicação de como se dá a alucinação, sendo que em vez de a excitação vir de fora, agora viria de dentro.

Para Garcia-Roza (2004c), a descrição dos sistemas ψ , ω e ϕ na *Traumdeutung* traz as referências do aparelho psíquico do *Projeto* de 1895, e isto evidencia o elo deste último texto com o primeiro e, mais ainda, também é evidenciado na *Traumdeutung* a importância dada à memória como no esquema da Carta 52.

Desde o texto sobre as afasias, Freud procurou elaborar um aparelho psíquico, que, naquele momento, foi retratado como um aparelho de memória e de linguagem. E em “A interpretação dos sonhos”, o aparelho psíquico se coloca como aquele que se estabelece “na medida em que se constitui uma memória, que se opera uma diferenciação na trama de neurônios, distinguindo um sistema ψ de um sistema ϕ ”. (GARCIA-ROZA 2004c, p. 155).

Também existem diferenças tidas como importantes entre o *Projeto* e a *Traumdeutung*, como a que Garcia-Roza menciona, em 2004, em “Freud e o inconsciente”, referindo que a energia que é suporte material no *Projeto* dá lugar em a *Traumdeutung* ao desejo e a ideias investidas (GARCIA-ROZA, 2004a, p. 77).

A descrição do aparelho psíquico em 1900 foi sendo construída pouco a pouco de acordo com os fenômenos que Freud precisava explicar. Inicialmente ele criou um esquema para representar o aparelho psíquico que mostrava um conjunto formado por um sistema receptor de estímulos e outro localizado na outra extremidade do aparelho psíquico, que descarregaria dando origem a atividade motora. Este esquema tratava-se de uma representação muito simplificada semelhante ao arco reflexo, o qual não dava conta de explicar os fenômenos observados por Freud. Desta forma, o esquema foi modificado dando lugar agora aos traços de memória causados pelas percepções, os quais são considerados como modificações permanentes. Também neste esquema há a diferenciação da parte que recebe os estímulos perceptuais, que fica sempre aberta a novas estimulações, da outra parte onde ficam armazenadas as memórias e também é responsável pelas associações entre os traços de memórias. Estas associações ocorrem quando há uma diminuição das resistências, bem como, quando se formam os caminhos de facilitação e uma excitação pode ser passada de um elemento Mnem¹⁶ a outro.

Contudo, essa explicação ainda não era suficiente, pois ao estudar os sonhos Freud percebe a existência de uma instância crítica que teria a função de reter ideias que não poderiam chegar à consciência. Essa instância deveria ocupar a posição próxima da

¹⁶ Freud usa o Mnem para representar o sistema mnêmico.

extremidade motora e próxima da consciência e, além de reter as ideias impróprias à consciência, essa instância crítica seria responsável por ações voluntárias e conscientes (GARCIA-ROZA, 2004a).

E este aparelho psíquico de Freud, concebido como uma construção topológica cuja orientação é progressivo-regressiva e que tem as posições fixas dos sistemas, pode se tornar mais compreensível por meio do esquema que reproduzimos abaixo seguindo os moldes de Freud.

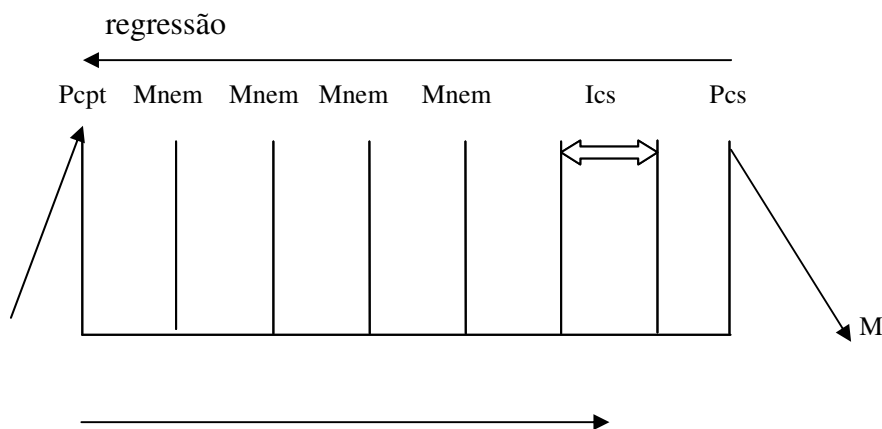


Fig.1: (Pcpt como sistema perceptual, Mnem sistema mnêmico, Ics para inconsciente, Pcs para pré-consciente, M para extremidade motora)¹⁷

Fonte: Adaptado de Freud 1986b, p.571).

Neste esquema, o Sistema Pré-consciente (Pcs) está representado na extremidade motora porque é o responsável em transmitir os processos inconscientes para a consciência por meio do mecanismo de atenção. O sistema Inconsciente ocuparia uma posição anterior ao Pcs já que seria a força que impulsiona a formação dos sonhos, sendo que para isso ele deveria ligar-se aos pensamentos oníricos no Pré-consciente (Pcs) a fim de chegar à consciência. Durante o dia os pensamentos oníricos estariam interditados do sistema Pcs ao Consciente, mas durante o sono estariam liberados, ou seja, ocorre uma diminuição da resistência permitindo que os pensamentos oníricos cheguem à consciência. Mas é importante que se diga que a consciência que ocorre durante o sonho não é a mesma que ocorre em vigília, nos sonhos ela seria uma espécie de consciência onírica.

No entanto, para Freud este mecanismo de diminuição da resistência ou censura durante o sono não explicaria todos os sonhos, apenas os que não têm caráter alucinatório, os quais são semelhantes aos pensamentos de vigília. Nos sonhos alucinatórios ocorreria uma excitação retrocedente, movendo-se da extremidade motora para a sensorial até o sistema

¹⁷ No esquema representado por Freud (1986, p. 571) não havia a seta representando o caminho regressivo do sonho alucinatório ou a rememoração quando chega até o sistema Mnem.

perceptivo, e assim os sonhos alucinatórios teriam um caráter regressivo¹⁸. A regressão, por sua vez, também pode ocorrer na memorização. Em estado de vigília, porém, esta regressão apenas atinge o sistema Mnem, não conseguindo propiciar uma revivescência alucinatória.

No sonho ocorreria um fenômeno que ele chamou condensação, que poderia ser considerado como um dos processos fundamentais dos estados inconscientes. Este fenômeno se daria por meio de uma representação que estaria como representante de várias cadeias associativas, e por estar em meio a estas cadeias, esta representação receberia quantidades de excitação.

Para Freud, a vivacidade das imagens do sonho ocorreria devido a uma forte carga excitatória das representações condensadas, ou seja, ocorreria uma transferência de quantidade em meio às várias cadeias associativas, e isso possibilitaria a catexia do sistema Pcpt, em direção oposta, vindo dos pensamentos até atingir um nível de vivacidade sensorial.

Assim, Freud considera que a regressão durante o sonho seria uma transformação da representação onírica na imagem sensorial da qual foi proveniente, mas também refere que a regressão pode explicar a ocorrência de alucinações nas patologias, como histeria, paranoias e em sujeitos normais que referem visões. Nestes casos, os pensamentos que passariam por transformação seriam ligados a lembranças que foram recalçadas ou que estariam inconscientes.

Os sonhos, segundo Freud, não teriam relações lógicas porque os primeiros sistemas Mnem não as possuem, apenas os posteriores e, desta forma, em uma regressão, não haveria como aparecerem tais relações. Com isso, somente a interpretação consciente das imagens oníricas poderia restaurar a trama que o sonho transformou.

Freud estudou vários sonhos seus e de seus pacientes, e afirmou que por eles podemos entender a diferença entre o “conteúdo manifesto”, que é aquele conteúdo que o sonhador lembra e relata e o “conteúdo latente”, que é aquele que só aparece depois da interpretação. A diferença entre os dois conteúdos advém de uma deformação decorrente da chamada “censura”, a qual também promove o esquecimento do sonho. A censura ocorre segundo Freud, devido à presença de desejos e ideias que seriam inaceitáveis à consciência. Isso se explicaria, por exemplo, seguindo a origem dada ao desejo segundo Freud, que é de cunho infantil e erótico sexual, daí a necessidade da grande deformação para que seja possível seu acesso ao consciente. O processo de deformação próprio do sonho recebe o nome de “elaboração do sonho” e é responsável em transformar restos diurnos, estímulos corporais,

¹⁸ Esta característica é representada no esquema pela seta que segue o caminho inverso do Pcs até o Pcpt.

pensamento do sonho, por meio de mecanismos de condensação e deslocamento. Além desses dois processos, o deslocamento e a condensação, existem a representabilidade e a revisão secundária. A condensação é o processo que diminui o conteúdo do sonho, ou seja, faz o conteúdo manifesto ser menor que o latente, impedindo que se tenha clareza na tradução do sonho. Já o deslocamento está associado a um disfarce que o sonho usa, ou ainda, a uma substituição da representação de acordo com uma cadeia de associação. A representabilidade seria a passagem do pensamento para imagens e a ordenação secundária é uma tentativa da mente em dar uma ordem no conteúdo tornando-o aceitável ou inteligível.

Para Freud, o sonho estaria diretamente relacionado à realização de um desejo e seria comum a todo ser humano “normal”, “neurótico” ou “psicótico”, ou ainda, o sonho do patológico não difere do sonho do normal. O sonho, então, seria uma via de acesso ao inconsciente, podendo ser um ponto de articulação entre o normal e o patológico. Seria uma realização de desejo, mesmo quando não se parecesse ser prazeroso, pois, para Freud, quando não se chega à conclusão de realização de um desejo, pode ter havido uma análise inadequada do sonho ou uma concepção inadequada do desejo.

Freud não quer dizer com isso que a satisfação do desejo não deva promover prazer, mas que a relação daquele que sonha com o desejo é que é uma relação singular. Explica que o sonhador é cindido, sendo um aquele que tem um desejo e outro aquele que o repudia, ou ainda, poderia existir uma diferença entre a satisfação do sonhador e a satisfação do desejo e, desta forma, poderia ocorrer a satisfação do desejo mesmo quando não ocorre a satisfação do sonhador.

O sonho, ao ser comunicado ao analista, é interpretado, ganhando inteligibilidade, vindo à tona o sentido oculto. Assim, não é o sonho que é analisado e sim o discurso do sonhador. A interpretação, então, em *Traumdeutung* é um importante instrumento da psicanálise, pois ela tira daquilo que parece não ter sentido, o significado que estava oculto, sendo também considerado o instrumento que desvenda a significação Inconsciente.

Mas como poderíamos descrever o inconsciente na Primeira Tópica? Qual a novidade que estaria presente em sua descrição?

Freud em 1900 preocupou-se em mostrar que seu inconsciente não era o mesmo que os filósofos defendem, aquele que é oposto ao consciente. Para Freud ([1900]1996b, p. 639):

O inconsciente (isto é o psíquico) é encontrado como uma função de dois sistemas separados, e de que isso acontece tanto na vida normal como patológica. Portanto há dois tipos de inconsciente, que ainda não foram

distinguidos pela psicologia, mas, em nosso sentido, um deles denominado *Ics*, é também *inadmissível à consciência*, enquanto ao outro chamamos de *Pcs*, porque suas excitações – depois de observarem certas regras, é verdade, e talvez apenas depois de passarem por uma nova censura, embora, assim mesmo, sem consideração pelo *Ics*. – conseguem alcançar a consciência.

Garcia-Roza (2004a) observa que, na descrição do aparelho psíquico de 1900, Freud passa a empregar o termo inconsciente não mais apenas como adjetivo (*ics*), mas também como substantivo (*das Unbewusste- Ics*). Assim, temos que considerar o inconsciente de duas formas seguindo a primeira tópica: A primeira coloca o inconsciente (*ics*) como adjetivo quando serve para se referir aos conteúdos que não chegam à consciência. A segunda maneira de descrever coloca o Inconsciente (*Ics*) como substantivo que estaria nomeando um sistema do aparelho psíquico. Este sistema seria carregado de representantes das pulsões regidos pelo processo primário, referentes à condensação e ao deslocamento. Os conteúdos investidos com uma grande força pulsional tendem a retornar à consciência, mas só conseguem acesso a ela, por meio de deformações que a censura os obriga a realizar. Os conteúdos são tidos como desejos infantis que encontraram fixação no inconsciente.

O Inconsciente (*Ics*), então, é descrito como o verdadeiro espelho do psíquico, enquanto que a consciência estaria como uma característica agregada, mesmo que sendo indispensável.

Freud ([1900]1996b, p. 637) diz concordando com Lipps (1897, 146 e segs.) que:

O inconsciente é a esfera mais ampla, que inclui em si a esfera menor do consciente. Tudo o que é consciente tem um estágio preliminar inconsciente, ao passo que aquilo que é inconsciente pode permanecer nesse estágio e, não obstante, reclamar que lhe seja atribuído o valor pleno de um processo psíquico. O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; *em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto à realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais.* (Grifo, do autor).

O Inconsciente, então, é considerado como o todo que incluiria em si uma pequena parte responsável pela consciência; entretanto, Freud deixa transparecer o enigma que vê com o nome de Inconsciente. Contudo, ele mostrou “que o psiquismo não é redutível ao consciente”; o inconsciente tido como lugar psíquico recebe encargos de ter seus próprios conteúdos, mecanismos e até mesmo energia que o movimentam. (LAPLANCHE 2008, p. 236).

E o que poderíamos dizer deste modelo de 1900, trata-se de uma descrição apenas metapsicológica como mencionou Freud, sem referência ao corpo?

Para Monzani (1989, p. 126), “nem o corpo nem a anatomia está fora do jogo” na descrição do aparelho psíquico. Este autor afirma que “o corpo intervém diretamente na proporção em

que ele está suposto na extremidade do esquema” criado por Freud para mostrar o funcionamento do mental¹⁹. Desde o início do texto de 1900, onde Freud inicia a construção de seu modelo, quando ele propõe que o esquema do arco reflexo representa o modelo da função psíquica. Assim, para Monzani, Freud mantém um desejo de relacionar o corpo com o psíquico, e acredita que isso pode acontecer em textos posteriores à *A interpretação dos sonhos*.

2.2 Três ensaios sobre a teoria da sexualidade

Da mesma forma que “A interpretação dos sonhos” (1900) é tida como o discurso do desejo, o texto chamado “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) é tido como o discurso da pulsão. Neste texto, Freud procura explicar não a satisfação do desejo, mas a satisfação da pulsão, sendo que esta não é uma pulsão qualquer, ela é específica e se refere à pulsão sexual. A pulsão sexual serve de modelo para pulsão geral. Poderíamos, no entanto, realizar uma reflexão e pensar se haveria outra pulsão tratada por Freud que não tenha caráter sexual.

A sexualidade é um assunto presente nos estudos freudianos desde as primeiras obras que escrevera com Joseph Breuer, que tratavam da histeria, sendo o conteúdo sexual o agente causador do trauma psíquico. Mas, em *Três ensaios*, Freud aprofunda e procura esclarecer de fato a etiologia das psicopatologias dentro do desenvolvimento da sexualidade. Nos trabalhos sobre a histeria, o neurótico teria sido realmente seduzido em sua infância, e este fato teria sido recalcado e se transformado em um trauma que deveria ser removido para obter a cura dos sintomas. No entanto, essas descobertas sofrem modificações após Freud descobrir a fantasia e a sexualidade infantil como o que ficou conhecido como complexo de Édipo. O complexo de Édipo foi referido pela primeira vez em uma carta escrita a Fliess em 1897. Porém, apenas em *Três ensaios sobre a sexualidade* é que a teoria da sexualidade foi desenvolvida.

Para Garcia-Roza (2004a), o desenvolvimento da teoria da sexualidade em *Três ensaios* vai embasar o complexo de Édipo apesar de nem mesmo citá-lo.

Em *Três ensaios*, Freud privilegia o biológico e sua influência sobre o desenvolvimento da sexualidade. Claro que também afirma a existência de fatores acidentais como complementares ao biológico, mas o peso maior é dado a este último. Também por meio deste biológico ligado à sexualidade é que vê saída para os casos clínicos que atende.

¹⁹ O funcionamento mental foi retratado por Freud com o esquema na página 46.

Freud diz que: “Em mais da metade dos casos graves de histeria, neurose obsessiva etc. de que tratei psicoterapeuticamente, pude provar com certeza que os pais do paciente sofriam de sífilis antes do casamento” (FREUD, 1996c, p. 245).

Neste trecho podemos observar que Freud busca ainda no biológico a solução para os problemas encontrados na clínica, ou seja, vê o biológico como agente destes sintomas.

Mas Freud também descreve modificações que podem ocorrer nos fatores constitucionais promovendo direções diversas para suas manifestações no que toca à sexualidade. E com isso, os fatores constitucionais com características anormais podem levar a três resultados diferentes de psicopatologias ocorridos no desenvolvimento da sexualidade. O primeiro diz respeito à persistência de fatores constitucionais de característica anormal na maturidade o que possibilitará uma sexualidade perversa. O segundo refere-se àquele que pode se desenvolver no caso de energia pulsional excessiva e sofrer recalçamento. Isto levaria, segundo Freud, a excitações contínuas, mas que seriam desviadas para outras formas de expressão (sintomas, por exemplo). Esta referência de Freud corrobora a afirmação de que a neurose é o negativo da perversão, em que poderá existir uma vida sexual dentro do que se considera como normal, mas com manifestações de neurose. O terceiro resultado seria o processo de sublimação. Este tipo ocorre quando excitações excessivamente fortes, que surgem de determinadas fontes sexuais, encontram uma saída em outras formas de expressão que não o sexual. Um exemplo usado nesta questão diz respeito às de criações artísticas em particular como as da cultura em geral.

O texto de 1905 traz as marcas no corpo do psíquico, bem como, as marcas no psíquico do corpo. Nota-se neste texto que Freud jamais separou o psíquico de seu corpo, ou preconizou um trabalho que levasse em conta apenas o psíquico. A nosso ver, o modelo mental de Freud perde o sentido se estiver separado do corpo. Contudo, temos que considerar que não se trata de uma teoria que privilegia a anatomia ou a localização desse psíquico. Os conceitos lançados em “A interpretação dos Sonhos” e os de “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” foram desenvolvidos nos artigos chamados *Metapsicologia* (1915). Estes conceitos, ou seja, a pulsão, o recalçamento e o inconsciente são de grande importância para a psicanálise, ou melhor, eles são considerados o seu alicerce.

2.3 A Metapsicologia.

Em 1915, no artigo *O Inconsciente*, a descrição do processo psíquico retrata aspectos dinâmicos, topográficos e econômicos, e, segundo Freud, trata-se de uma

apresentação metapsicológica²⁰. Neste texto, o aparelho psíquico, descrito em “A interpretação dos Sonhos” e, formado por Inconsciente, Pré-consciente e Consciente, recebe reformulações e vai desempenhar funções e interrelações particulares.

Para Assoun (1989, p. 195), “o inconsciente deixa de ser um princípio: constitui o objeto de uma codificação metapsicológica, no duplo ponto de vista tópico e dinâmico”. Refere que Freud, em 1915, preocupou-se em caracterizar o Inconsciente como um sistema que possui características distinguíveis funcionalmente dos co-sistemas consciente e pré-consciente, estruturando a mente como lugar psíquico. Também, que o termo inconsciente tem para Freud a função de qualificar processos psíquicos específicos, bem como, relações conflituais, ou seja, encontram-se no inconsciente os conteúdos psíquicos cujo acesso foi barrado à consciência por causarem desprazer (ASSOUN, 1989, p. 196). Desta forma, Assoun parece deixar evidentes as diferentes funções do termo inconsciente usadas por Freud para designar um sistema ou para designar conteúdos desse sistema.

Os conteúdos psíquicos que Freud menciona são os representantes das pulsões (Trieb). Para ele, a pulsão só é conhecida pelos seus representantes: a ideia (Vorstellung) e o afeto (Affekt).

Freud em “A pulsão e seus destinos” define pulsão como “um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.” (FREUD, [1915] 1996d, p. 127).

Assim, como foi dito, a pulsão, que é de natureza orgânica, não está presente no inconsciente e nem no consciente, mas sim o estão, os seus representantes. Freud esclarece que a pulsão jamais chega à consciência e, mesmo no inconsciente, ela é representada por uma ideia (Vorstellung) ou por um afeto (Affekt).

O representante ideativo é um dos registros da pulsão no psiquismo e é sobre ele que recai o recalçamento. O afeto é concebido como o qualitativo da quantidade de energia pulsional. O afeto e o representante ideativo são independentes até mesmo nos seus destinos,

²⁰ O termo metapsicologia, segundo Garcia-Roza (2004, p.113), tem dois sentidos: “o primeiro, mais explícito, diz respeito à metapsicologia entendida como um conjunto de modelos conceituais que constituem a estrutura teórica da psicanálise; um segundo sentido é fornecido pelo próprio Freud em algumas cartas dirigidas a Fliess e numa passagem de *A psicopatologia da vida cotidiana* onde o termo é empregado pela primeira vez”. Neste texto, Freud explicita uma relação entre a metapsicologia e a metafísica.

pois os destinos que o representante ideativo pode ter são a reversão ao seu oposto, o retorno em direção ao próprio eu, o recalçamento²¹ e sublimação²².

Segundo Freud (1996, p. 132), esta modificação no destino da pulsão pode ocorrer como uma forma de defesa, mas é importante lembrar que se trata de uma modificação no representante ideativo da pulsão e que o afeto ligado a ele sofrerá outro destino.

Freud ([1915] 1996d, p. 132) descreve a reversão de uma pulsão para o seu oposto sob duas formas: uma, da atividade para a passividade, e outra, que trata da reversão de conteúdo. Segundo ele a reversão tem a função de afetar o fim de cada pulsão; assim uma finalidade ativa (torturar, olhar) é substituída pela finalidade passiva (ser torturado, ser olhado). Quanto à reversão de conteúdo, exemplifica pela transformação de amor em ódio.

O retorno de uma pulsão em direção ao próprio eu do indivíduo é descrita por Freud como “a mudança do objeto, ao passo que a finalidade permanece inalterada”. Para ele, “o retorno em direção ao eu do indivíduo e a transformação da atividade em passividade convergem ou coincidem.” (FREUD, [1915] 1996d, p. 132).

Segundo Garcia-Roza (2004a, p. 119), Freud descreve que a fonte da pulsão é somática ou orgânica, sendo proveniente tanto de um órgão como de um processo físico - químico que realiza a excitação, e seu destino é a satisfação. E para Freud, os estudos sobre as fontes das pulsões estariam fora do alcance da psicologia.

A pulsão dirige-se a um objeto que é capaz de causar satisfação. O objeto não é algo estranho e pode ser modificado quantas vezes for necessário na existência da pulsão, mas também a pulsão pode ser ligada a um único objeto, e então seria chamada por Freud de fixação (FREUD, [1915] 1996d, p.128).

Apesar de o destino da pulsão ser a satisfação, isso não ocorre de maneira imediata, porque ocorrem modificações sobre ela. A pulsão não pode ser reprimida ou recalçada, mas sim o seu representante psíquico ideativo, já que o afeto não pode sofrer repressão e, desta forma, o inconsciente seria habitado apenas por representantes ideativos.

Para Assoun, (1989, p. 196) “a noção de inconsciente é derivada literalmente daquela de *recalque* que constitui a ação psíquica fundamental que requer funcionalmente um sistema inconsciente. Embora o recalçado não esgote completamente o inconsciente, o recalque serve para defini-lo.”

²¹ O recalçamento será descrito logo a frente.

²² A sublimação pode ser definida como uma troca ocorrida nas pulsões sexuais por outro objetivo que não é sexual, mas que psiquicamente se aparenta com ela.

Segundo Garcia-Roza (2004a, p. 152), o conceito de recalçamento foi criado por Freud ao se deparar com a resistência de seus pacientes durante a clínica, e ao se aprofundar e desenvolver a teoria do trauma, que foi descrito anteriormente quando tratamos do texto “Estudos sobre a histeria”. Na teoria do trauma, a neurose seria causada por um acontecimento durante a infância em que o sujeito não teria tido condições de realizar uma descarga da emoção, ficando esta contida. O sujeito, por sua vez, não conseguindo se defender do acontecimento de uma forma normal, acabava por desenvolver uma defesa patológica. E a hipnose utilizada por Freud tinha a finalidade de provocar a re-vivência da experiência traumática e a descarga do afeto ligado a ela. E ao abandonar a hipnose, Freud começa a solicitar aos pacientes que procurem se lembrar do fato traumático, e então, depara-se com a resistência por parte do paciente. Esta resistência se manifestava como uma falha de memória ou incapacidade de falar sobre o tema. Freud, então, passa a acreditar que essa resistência seria sinal de uma defesa com a finalidade de manter fora da consciência a ideia que causou o trauma.

Garcia-Roza (2004a, p. 152) explica que o conceito de defesa que anteriormente era empregado como semelhante ao conceito de recalçamento, a partir do texto “A Interpretação dos Sonhos” deixa de ser utilizado como antes. O recalçamento passou a ser empregado em determinadas situações como na de manter o impulso fora da consciência, enquanto que o de defesa passou a ser usado de maneira generalizada.

No artigo de 1915, Freud descreve o recalçamento como o processo que tem a finalidade de afastar do consciente uma representação indesejada. Desta forma, o recalçamento recairá sobre o representante ideativo e não sobre a pulsão, e isto se dá devido às exigências da censura produzida pelo Pcs / Cs.

Segundo Garcia-Roza (2004a p. 154), Freud descreve o recalçamento como o processo que serve à finalidade de evitar o desprazer, já que barra a entrada do representante ideativo que causaria tal sensação, e quando Freud se refere ao recalçamento da pulsão está se referindo ao representante ideativo. O afeto, que é o outro representante da pulsão, não pode receber diretamente o recalçamento, mas, apesar disso, quando ocorre o recalçamento, o afeto sofre vicissitudes e pode ser deslocado para outra ideia. Afirma, ainda, que o recalçamento produz uma quebra entre o representante ideativo e o seu afeto.

Conforme Freud ([1915] 1996d , p. 152) refere “o recalçamento não é mecanismo defensivo que esteja presente desde o início: ele só pode surgir quando tiver ocorrido uma cisão marcante entre a atividade mental consciente e a inconsciente[...].”

Segundo Garcia-Roza (2004, p. 154), Freud quer dizer com esta colocação que o recalçamento só está presente a partir da divisão dos sistemas Inconsciente, Pré-consciente e Consciente, já que o Pré-consciente barra o acesso ao consciente através do recalque, e o próprio recalque só existiria quando existisse a divisão dos sistemas.

No artigo metapsicológico de 1915, Freud descreve três fases de recalçamento: a fixação, o recalçamento propriamente dito e o retorno do recalçado.

A fixação ocorre na fase que Freud chama de primeira do recalçamento, e ela tem a função de barrar a entrada no consciente de um representante da pulsão. Assim, ocorre uma fixação, em que o representante em questão não é modificado e a pulsão continua ligada a ele (FREUD, 1996, p. 153). A fixação segundo Garcia-Roza (2004a) ocorre em um período em que não foram formados os sistemas Ics e Pcs/Cs, sendo que alguns representantes não têm significado, ficando impossibilitados de chegar à consciência. E assim, a fixação funcionaria como um recalque original que daria vazão a um recalçamento secundário.

No texto metapsicológico não se encontra explicação de como seria realizada esta fixação, de qual inconsciente Freud estaria falando já que não teriam sido formados os sistemas Ics, Pcs e Cs. Mas segundo Garcia-Roza (2004a), a explicação vem por meio de hipóteses, após 1926, de que poderia ser uma herança filogenética de um instinto que serviria de atrator para as primeiras fixações ou inscrições.

O recalçado propriamente dito, segundo Freud, (1996, p. 153) “afeta os derivados mentais do representante reprimido, ou sucessões de pensamento que, originando-se em outra parte, tenham entrado em ligação associativa com ele. Por causa dessa associação, essas ideias sofrem o mesmo destino daquilo que foi primeiramente reprimido.”

Contudo, Garcia-Roza (2004a, p. 163) explica que essas ideias associadas podem vir à consciência se estiverem distantes do recalçado principalmente devido ao grau de distorção que sofreram como é o caso do sonho em que, por efeito da elaboração onírica, conseguem acesso à consciência sem que seja detectada ameaça pelo sonhador.

Ainda Garcia-Roza (2004a, p. 163) ressalta a importância desses derivados para o processo de análise, pois é por meio deles que se chega ao conteúdo recalçado.

Para Freud, os conteúdos rechaçados do Pcs/Cs não são destruídos e, por isso, travam uma constante luta para terem acesso à consciência, e devido a isso, há um grande gasto de energia para barrar esses conteúdos ameaçadores.

O recalçado exerce uma constante pressão sobre o consciente, ao qual retornará com uma pressão contrária, e assim se dará um equilíbrio entre as forças. No entanto, como já foi dito, o afeto, o outro representante da pulsão, não pode sofrer o recalçamento. Assim,

mesmo que o representante ideativo tenha sido recalçado, não há como evitar a liberação de carga do afeto, causando desprazer, que pode ser percebido como sintomas.

Durante o sono, o recalçamento contra o impulso é movido, e esse impulso passa a ter acesso à consciência por meio de uma associação de ideias ou de um derivado. Em vigília, novamente esse acesso passa a ser barrado.

Freud descreveu três quadros clínicos que foram provenientes dos destinos do representante ideativo e do afeto: a neurose de angústia, a histeria de conversão e a neurose obsessiva.

Assim, em 1915, o inconsciente foi apresentado, pela primeira vez, em ligação com a repressão ou o recalque. Nas palavras de Freud: “Obtivemos o nosso conceito de inconsciente a partir da teoria da repressão” (FREUD, [1915] 1996d, p. 151). O inconsciente era definido como um lugar psíquico que abrigaria ideias recalçadas, mas que não foram destruídas, permanecendo inoperantes e até podem vir a ter acesso à consciência.

Em 1915, Freud faz reformulações sobre o aparelho psíquico descrito anteriormente em a *Traumdeutung*. E a descrição do processo psíquico passa a retratar não só o aspecto topográfico, mas passa a ter também uma descrição que ressalta o aspecto dinâmico, e econômico e, segundo Freud, é uma apresentação metapsicológica²³.

O consciente e o inconsciente em 1915 são diferenciados por características especiais. Para Freud, o consciente não deve ser tomado como detentor de todo o conhecimento que ocorre na mente, mas sim do chamado conhecimento consciente, que permanece inconsciente por períodos de tempo, em latência, como ocorre com as lembranças. As lembranças são descritas como resíduo de processos somáticos a partir dos quais o psíquico pode novamente emergir. Segundo Freud, as características físicas dos estados latentes da vida mental são totalmente inacessíveis, ou seja, “nenhum conceito psicológico ou processo químico pode dar-nos qualquer ideia a respeito de sua natureza”. (FREUD, [1915] 1996d, p.175). Porém, tais estados latentes podem tornar-se conscientes e até se poderia pensar neles como diferentes dos conscientes pela ausência de consciência.

No inconsciente, existem apenas conteúdos catexizados com força maior ou menor. O núcleo do inconsciente é formado por representantes pulsionais que estão carregados de desejo. Estes representantes existem um ao lado do outro, sem a ocorrência de

²³ Segundo Laplanche (2008, p. 284), o termo metapsicologia “foi criado por Freud para designar a psicologia por ele fundada, considerada na sua dimensão mais teórica. A metapsicologia elabora um conjunto de modelos conceituais mais ou menos distantes da experiência, tais como a ficção de um aparelho psíquico dividido em instâncias, a teoria das pulsões, o processo do recalque, etc. A metapsicologia leva em consideração três pontos de vista: dinâmico, tópico e econômico.”

contradições recíprocas; porém, quando dois impulsos se tornam ativos ao mesmo tempo, e são incompatíveis, eles se combinam. Então, há uma mobilidade das catexias. Por um lado, uma ideia pode ceder sua cota de catexia à outra, o que Freud chama de deslocamento; por outro lado, há o processo chamado de condensação, em que uma ideia pode apropriar-se de catexias de outras ideias. A estes processos, o deslocamento e a condensação, Freud chamou de processos psíquicos primários (FREUD, [1915] 1996d, p. 191).

Freud descreve o inconsciente diferentemente do consciente também por ser atemporal, ou seja, não ser ordenado temporalmente como o sistema consciente é. Ainda, o inconsciente pouco atenta à realidade e é regulado pelo princípio do prazer. A descarga do inconsciente recai na enervação somática levando ao desenvolvimento do afeto.

No processo secundário, a descarga de energia é inibida até que muitos caminhos associativos sejam desenvolvidos, e isto mostra ao aparelho psíquico as ações motoras ou físicas que devem ser executadas. Esse processo secundário tem maior ocorrência no sistema Pré-consciente. O pensamento para Freud é o responsável da ação, uma vez que ele corresponde a deslocamentos de energia mental que visam à descarga motora da excitação. Essa ação pode ser imediata ou reflexa se for dirigida pelo processo primário, ou incorporada à atividade do sujeito em seu meio, quando é regida pelo processo secundário (FREUD, [1915] 1996, p. 192).

Desta forma, poderíamos dizer que na teoria do inconsciente freudiano o mental rompe com o corporal?

Parece que não, pois Freud explicita marcas de encontro de uma energia psíquica causando uma ação motora. Seus argumentos, em 1915, são de que a localidade do sistema psíquico da mente é um ponto relevante para o estudo que propõe, e considera que, apesar da dificuldade em relacionar o mental com a anatomia, admite a existência desta relação dizendo: “A pesquisa nos tem fornecido provas irrefutáveis de que a atividade mental está vinculada à função do cérebro como a nenhum outro órgão”. (FREUD, [1915] 1996, p.179).

No entanto, ainda que Freud reconheça que todas as tentativas de localizar os processos mentais falharam, acredita que esta tarefa não seja da responsabilidade da psicologia, considerando difícil de se provar (naquele momento), como ela ocorre. Por isto, a topografia que propõe é a do mental, sem referir-se a localidades anatômicas próprias do corpo, apesar de não ignorar a sua existência e a sua relevância. (FREUD, [1915] 1996, p.179).

Concordamos com Assoum quando afirma que as explicações freudianas são descritas como provisórias, pois esperam o avanço da ciência.

Assoun (1983, p. 146) diz que:

Ao enfatizar o termo “provisório”, Freud pretende deixar claramente abertas as possibilidades de, um dia apoiar a tópica num esquema anatômico; também, no mesmo momento, pretendia descobrir, um dia, as substâncias químicas cuja ação produz efeitos pulsionais.

Para Simanke (2006b, p. 101), esta maneira freudiana de conceber o aparelho psíquico dentro da metapsicologia em que dispõe de uma descrição que traz em si a relação entre o psíquico e o somático, com a pulsão e seu representante, levanta a possibilidade de uma discussão sobre o problema mente e corpo. No entender de Simanke (2006b), a construção metapsicológica parece propiciar uma abordagem do problema mente e corpo aceitável no que toca à teoria, mas lança um novo problema que gira em torno da relação mente psíquica concebida como inconsciente e a sua relação com a consciência. Este problema também é reconhecido por Freud.

Para Garcia-Roza (2004a), Freud mostrou o inconsciente como um lugar psíquico e não anatômico, onde encontramos representações da pulsão. Ainda é referido por Garcia-Roza que o inconsciente, de 1915, além de apresentar uma visão tópica, econômica e dinâmica, deixa em evidencia a divisão tópica a qual possibilitará à psicanálise se posicionar fora da problemática da consciência, e, desta forma, se colocaria em campo diferente da psicologia.

Contudo, neste capítulo podemos identificar pela descrição de Freud das pulsões como localizadas entre o somático e o psíquico, onde não pode ter acesso a consciência, e que apenas os seus representantes podem pertencer ao inconsciente. Vimos que o inconsciente foi empregado como adjetivo qualificando os conteúdos que não têm acesso à consciência, bem como substantivo, no momento em que designa um sistema do aparelho psíquico. E, ainda que, o inconsciente é justificável para Freud devido às numerosas provas identificadas na clínica.

Neste capítulo, em nosso entendimento, novamente a representação é utilizada como um elemento chave do aparelho mental, ela ganha possibilidades de pertencer ao Inconsciente, Pré-consciente ou consciente, pois apenas ela pode alcançar estas localidades psíquicas. E estando nesses locais virtuais criados por Freud, recebem suas qualificações, ou seja, tornam-se representações inconscientes, pré-conscientes ou conscientes conforme a sua posição na mente.

No capítulo que segue vemos que Freud ainda não estava satisfeito com seus progressos até aqui e, então, lança um novo modelo de aparelho psíquico que ficou conhecido

como Segunda Tópica. Também é reformulado o inconsciente de maneira a se adequar ao novo modelo.

CAPÍTULO 3 - A SEGUNDA TÓPICA: UMA PROPOSTA DE INCONSCIENTE DINÂMICO E RECALCADO

3.1 A viragem dos anos 20

Por meio de especulações, em 1920, Freud faz novas remodelagens teóricas que viabilizaram a estruturação de um novo modelo psíquico. Estas traziam velhos conceitos misturados com novos, que, reorganizados, formariam um mecanismo diferenciado para o funcionamento mais coerente, no entender de Freud, para a teoria da mente.

Segundo Garcia-Roza (2004a), com *Além do princípio de prazer* inicia-se o que ficou conhecido como a “viragem” dos anos 20, a qual não é a representação eminente de uma ruptura com a primeira tópica, já que os conceitos fundamentais desta permanecem válidos.

Mas é importante observar que havia insatisfação com o modelo da primeira tópica, o então chamado modelo topográfico de 1900, então, Freud cria outro que ficou conhecido como segunda tópica.

A Primeira Tópica é considerada como a que tem um modelo descritivo, ao passo que na Segunda, pode-se reconhecer, de fato, um valor dinâmico.

Para Freud, o primeiro modelo não explica muitos fenômenos psíquicos que emergiam na prática clínica, então, gradativamente, foi elaborando uma nova concepção que deu origem ao trabalho metapsicológico denominado *O Ego e o Id* de 1923 (Segunda Tópica). Nesta obra, Freud criou um aparato psíquico que viria a ser considerado a sua concepção clássica, já que foi a última. Esta concepção ficou conhecida como o modelo estrutural, e significa dizer que existe um conjunto de elementos que são separados entre si, têm funções específicas, mas que interagem permanentemente influenciando um ao outro. Diferentemente da Primeira Tópica, que para alguns estudiosos sugere passividade, a Segunda Tópica é entendida como eminentemente ativa, dinâmica (SEGUNDA... 1923).

Mas é preciso dizer que no artigo *Além do princípio de prazer* (1920), Freud faz algumas “especulações” que são de relevância para a construção do modelo da Segunda Tópica. Nele, Freud coloca um princípio como regulador das pulsões, e isto remete ao *Projeto* de 1895 em que ele descreveu um princípio regulador do aparelho mental, conhecido como o Princípio da Constância, sendo que este Princípio, descrito no *Projeto*, é o responsável manter a quantidade de excitação em níveis baixos ou, pelo menos, constante. O Princípio da Constância está relacionado ao Princípio de Prazer. Assim, no artigo de 1920, Freud retoma a definição criada no *Projeto*, e Wollheim (1971, p. 190) exemplifica essa

relação entre o Princípio do *Projeto* e o Princípio de 1920, com uma afirmação que Freud teria feito de que “a mente age como se pudesse eliminar inteiramente a tensão ou, por outras palavras, como se pudesse reduzir-se a um estado de extinção”. Esta definição sobre o Princípio se aplicaria tanto para o primeiro princípio, o do *Projeto*, como para o descrito em 1920.

Freud inicia o texto *Além do princípio de prazer*, referindo que a psicanálise evidencia o movimento do mental no sentido do prazer, ou no sentido de evitar o desprazer. Contudo, este princípio não será o único, pois fará par com o princípio de realidade²⁴.

Segundo Laplanche (2008, p. 365), a noção de princípio de prazer aparece em grande parte da obra freudiana sem verificação de alteração, mas existem dificuldades como é o caso evidenciado no nome, com os termos prazer e desprazer.

Em 1920, Freud ainda não havia encontrado definições adequadas para termo prazer, e então escolheu manter a definição do *Projeto*, relacionando-a à quantidade de excitação atuando sobre a mente, onde o prazer corresponderia a uma diminuição da quantidade de excitação, enquanto que o desprazer seria o aumento dessa quantidade. Essa relação de prazer ligada à quantidade de excitação, além de remeter ao rascunho referido anteriormente, o *Projeto* (1895), também remete a outros textos de Freud no que toca à quantidade de excitação ligada ao prazer e desprazer como é o caso de *A interpretação dos sonhos*. No entanto, Freud, em 1920, sugere algo mais do que aumento da quantidade de excitação, ele sugere a existência de um agente causador do aumento ou diminuição dessa quantidade. Então, no texto de 1920, é relacionado o princípio do prazer como sendo o regente da vida mental, ou seja, o aparelho psíquico trabalha no sentido de manter o limiar de excitação o mais baixo possível, ou ainda, de mantê-lo constante, embora existam situações que provoquem um aumento dessa excitação, tirando a mente desta estabilidade e levando justamente a uma situação contrária ao prazer. Mas Freud acrescenta que apesar disso o funcionamento segue o objetivo de se chegar ao prazer.

Segundo Laplanche (2008), essa característica de funcionamento mental demonstra o ponto de vista econômico da teoria, pois o aumento da quantidade de excitação está ligado ao desprazer e a sua redução ao prazer.

O princípio de prazer faz parte de um processo primário em que a procura da satisfação segue caminhos mais curtos e que, devido a dificuldades oferecidas pelo mundo externo, o princípio de prazer acaba sendo ineficaz, e passa a ser substituído pelo princípio de

²⁴ Trataremos à frente deste princípio.

realidade que, por sua vez, também tem o objetivo de buscar o prazer. O princípio de realidade se impõe e propõe caminhos mais longos adiando a satisfação.

O princípio de realidade também não é novo em 1920, pois já havia sido enunciado em outro trabalho de Freud.

Segundo Laplanche (2008), o princípio da realidade representava o que era real mesmo sendo desagradável, e vem regular o aparelho psíquico como uma modificação do princípio do prazer de forma soberana, e trará características ao aparelho psíquico como:

Desenvolvimento das funções conscientes, atenção, juízo, memória, substituição da descarga motora por uma ação que tende a transformar apropriadamente a realidade; nascimento do pensamento, este definido como uma “atividade de prova” em que são deslocadas pequenas quantidades de investimento, o que supõe uma transformação da energia livre, tendendo a circular sem barreiras de uma representação para outra, em energia ligada. (LAPLANCHE, 2008 p. 368).

Laplanche (2008, p. 368) ainda ressalta que do:

Ponto de vista econômico, o princípio de realidade corresponde a uma transformação da energia livre em energia ligada; do ponto de vista tóxico, caracteriza essencialmente o sistema pré-consciente; do ponto de vista dinâmico, a psicanálise procura basear-se na intervenção do princípio de realidade num certo tipo de energia pulsional que estaria mais especialmente a serviço do ego.

Contudo, a mudança do princípio de prazer para o de realidade não impossibilita a existência do princípio de prazer, que acaba reinando no campo da fantasia dentro das leis que regem o processo primário, próprias do inconsciente. Mas, o princípio de realidade obterá a satisfação apenas por meio da realidade.

E a estes dois princípios, o de prazer e de realidade, cabem o controle das pulsões. As pulsões de autoconservação estariam sob o controle do princípio de realidade no centro do aparelho psíquico, enquanto que as pulsões sexuais estariam sob o controle do princípio de prazer.

Em 1920, o Ego é descrito como sendo em sua maior parte inconsciente inclusive seu núcleo, e apenas uma pequena parte seria pré-consciente. As resistências apresentadas pelos pacientes são colocadas como sendo de origem do ego, e agem segundo o princípio de prazer. O ego seja consciente ou inconsciente tende a liberar o reprimido inconsciente, e isto acaba levando a uma compulsão à repetição. Esta característica de funcionamento do aparelho psíquico não é uma descrição contraditória, apesar de sabermos que o reprimido é carregado

de representações que podem causar desprazer, no entanto, Freud salienta que o que causa desprazer a um pode levar ao prazer para outro sistema.

Um ponto que Freud descreve como “digno de nota” é a compulsão à repetição, que é descrito como uma força de grande propulsão que supera o princípio do prazer, no sentido que se esforça para o retorno até mesmo de experiências antigas e penosas e que não causam prazer de forma alguma. Freud acredita ainda que por meio da transferência, o paciente traz estas repetições penosas para a clínica, e lá, cabe ao médico levar o paciente à tolerância desse desprazer apelando ao princípio da realidade. Então, para o médico, as repetições fazem parte do tratamento e devem ser colocadas a seu serviço.

Ainda, Freud acredita que a compulsão pertence tanto a neuróticos como pode ser relacionada a outras situações como a brincadeiras de crianças. Diz que:

Se levarmos em consideração observações como essas, baseadas no comportamento, na transferência e nas histórias da vida de homens e mulheres, não só encontraremos coragem para supor que existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer, como também ficaremos agora inclinados a relacionar com essa compulsão os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas e o impulso que leva as crianças a brincar. (FREUD, [1920]1996e, p. 33).

Para Freud, a compulsão pela repetição tem um caráter pulsional e tem uma forma “demoníaca”²⁵ de ação. Mas o que Freud quer dizer neste momento com pulsional?

Para ele:

Uma pulsão é um único impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob pressão das forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica. (FREUD, [1920]1996e, p. 47, grifo do autor).

Assim, a importância do conceito de repetição em 1920 é mostrado como sendo constitutivo do conceito de inconsciente, na medida em que revela o movimento da pulsão. Então, tem-se que a repetição, o inconsciente e a pulsão estão ligados entre si.

Freud, ao dar destaque ao conceito de repetição enquanto conceito fundamental, mostra uma ligação em sua descrição entre repetição e pulsão de morte. Relata que a repetição poderia ser vista como um esforço para recuperar um estado anterior, bem como, também, é marcado por um estado de exaustão de energia, o que leva à ideia de morte.

A pulsão de morte foi introduzida pela primeira vez em *Além do princípio de prazer* em um contexto especulativo, mas foi reafirmada nos textos que se seguiram. Ela é

²⁵ Palavra utilizada por Freud para descrever a força da compulsão à repetição.

descrita como uma tendência do ser vivo de retornar ao estado inorgânico, ou seja, para Freud os seres não vivos foram os primeiros a existir, assim, a pulsão de morte estabeleceria uma tendência do ser vivo de retornar ao estado anterior.

Para Freud ([1920]1996e), os motivos que o levaram a acreditar na pulsão de morte são as compulsões à repetição que apresentam dificuldade em reduzir-se com a satisfação libidinal, ou com as tentativas de controlar as experiências desagradáveis. Devido, então, a essa força da pulsão de morte, Freud supõe um caráter regressivo da mesma. E é neste lugar de falta²⁶, que os sonhos traumáticos insistem em trazer de volta, em um movimento de retorno a uma impossível origem, a um estado de repouso absoluto, com a eliminação de todas as tensões.

Contudo, Freud ainda relacionou a pulsão de vida também conhecida como Eros que se opunha à pulsão de morte, e que teria como derivados a amorosidade, a criatividade, o desejo de expansão, a generosidade, enfim, tudo aquilo capaz de mobilizar a energia humana para a criação, expansão e manutenção da vida. A pulsão de vida compreende as pulsões sexuais bem como as pulsões de autoconservação.

Fica evidente que a pulsão de morte tende à destruição e a pulsão de vida tende à construção. E então, o conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte é eterno, e o homem fica entre a luta da construção com a desconstrução de seu ser.

Para Monzani (1989, p. 266), em *Além do princípio de prazer*, segue uma orientação que ele chama de biologizante, ou, ainda, uma teoria que segue os moldes biológicos e especulativos. Este caráter biológico poderia ser visto quando eram tratadas das pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais, mesmo que de forma longínqua. Mas com a descrição das pulsões de morte e de vida, o caráter biológico, segundo Monzani, “parece invadir uma parte do aparelho psíquico e mais especificamente do domínio do inconsciente.”

No texto de 1920 não há novidades descritas sobre o sistema consciente, ele segue o esquema de *A interpretação dos sonhos*. Então, novamente é descrito que o sistema Cs não possui traços de memória, isto é, não possui alterações permanentes devido à excitação, pois quando à excitação chega até ele é exaurida apenas por tornar-se consciente. Porém, as percepções ao passarem para os outros sistemas configuram marcas ou traços de memória.

O inconsciente de 1920 entra também no domínio do ego, como foi dito anteriormente, sendo que o ego passa a ser em sua maior parte inconsciente. Aqui o inconsciente é sistema e é visto como conteúdos ou seja, representante das pulsões. O ego recebe o importante papel de fazer-nos perceber o inconsciente, e então, podemos mudá-lo ou, ainda, nos adaptarmos a ele.

²⁶ O termo falta está no sentido de não conseguir satisfação.

A importância do artigo de 1920 estaria na descrição de um aparelho dinâmico e econômico, onde o inconsciente devido às repetições está sempre em atividade e, como já foi descrito, é também econômico devido ao princípio de prazer que rege seu funcionamento.

A nosso ver, o texto de 1920 traz conceitos que embasaram a Segunda Tópica, além do que foi considerado no parágrafo anterior, principalmente no que toca ao seu funcionamento que segue o Princípio do Prazer.

Vejamos então como os conceitos de 1920 aparecem no texto de 1923 que trataremos a seguir.

3.2 A Segunda Tópica: a nova proposta de 1923

Em *Além do princípio de prazer* (1920), já muito havia se passado do primeiro momento em que surgiram as primeiras ideias de Freud. A psicanálise inventada por ele foi se transformando com as experiências da clínica e tendo um sentido cada vez maior não só de atingir a cura, mas também de compreender o funcionamento psíquico.

Segundo Freud, inicialmente, na psicanálise, o médico apenas descobria o material inconsciente, o qual seria comunicado ao paciente. Nesse momento a psicanálise tinha um enfoque interpretativo. Mas Freud observa que esta ainda não era uma solução para os problemas que seus pacientes apresentavam, então, faz com que o paciente “confirme a construção teórica do analista com a própria memória”. Assim, esbarra-se nas resistências dos pacientes e o que resta é descobri-las por inteiro, mostrá-las ao paciente e sugerir que as abandone por meio do que Freud chamou de Transferência²⁷. No entanto, Freud considera que o objetivo inicial de que o inconsciente tornasse consciente não ocorreria por meio desse método, pois o paciente não consegue se lembrar de todo o seu conteúdo reprimido e em muitos casos, o que não se lembra pode ser o que é necessário para obter o desaparecimento dos sintomas para obter a cura. Assim, como não se tem certeza de que construção foi feita do caso do paciente, torna-se necessário repetir o material reprimido não como uma lembrança, mas como uma vivência contemporânea. Tais reproduções são descritas por Freud como carregadas de conteúdo pertencente à vida sexual infantil, “do complexo de Édipo²⁸, e de seus

²⁷ Laplanche, (2001, p. 514) refere que transferência não é uma termo exclusivo da psicanálise. Porém, no que toca à psicanálise, relaciona-se com “o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica”.

²⁸ O Complexo de Édipo foi descoberto por Freud e descrito pela primeira vez a Fliess em uma carta datada de 1897 e segundo Laplanche (2001 p. 77), trata-se de um: “Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais”. Laplanche ainda refere que para Freud o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, no período chamado de fase fálica.

derivados, e são invariavelmente atuadas na esfera da transferência entre paciente e analista.” Contudo, é importante que o médico permita que o paciente traga de volta algumas vivências do passado, mas que ainda ocorra um certo alheamento, possibilitando ao paciente entender que a re-vivência é “reflexo do passado esquecido.”(FREUD, [1920]1996e, p. 31).

Freud inicia o texto chamado *O ego e o id*, em 1923, referindo que este trabalho é um desenvolvimento de algumas seqüências de pensamentos que vieram de *Além do princípio de prazer*, mas não tem o caráter especulativo como o texto de 1920.

A proposta de 1923 é vinculada a diversos fatos de observação analítica, e é caracterizada por Freud como sendo uma síntese, um esboço. Refere ainda que sobre o consciente e inconsciente não há novidades, ou seja, o psíquico está dividido naquilo que é consciente e no que é inconsciente, e esta conclusão é a base da psicanálise que torna compreensível os processos patológicos da vida mental.

Freud reafirma que “a psicanálise não pode situar a essência do psíquico na consciência, mas é obrigada a encarar esta como uma qualidade do psíquico, que pode achar-se presente em acréscimo a outras qualidades, ou estar ausente” (FREUD, 1923/1996f, p. 27).

Os processos psíquicos em *O ego e o id* recebem qualificações de Conscientes, Pré-Consciente ou Inconsciente. E tais processos podem variar em suas qualificações, ou seja, podem deixar de ser Consciente passando a Inconsciente, o Pré-Consciente pode tornar-se Consciente e o Inconsciente tornar-se Consciente. E quando algo torna - se Consciente deve-se ao fato de existir percepções vindas de órgãos sensoriais que recebem do mundo externo.

As sensações internas chegam até o Consciente da mesma maneira que as percepções externas, ou seja, vindas por meio de órgãos sensoriais. A consciência por localizar-se espacialmente na superfície do aparelho mental recebe em primeiro lugar todas as sensações que são de fora (sensoriais) e de dentro como sensações e sentimentos.

No caso dos pensamentos, Freud ainda não conclui se estes avançam até a Cs ou se ela abre caminho até eles. O Ics é diferenciado do Pcs com a argumentação de que pertence ao que é desconhecido, e o Pcs é aquele que pode torna-se consciente ligando-se as representações verbais que lhes são correspondentes.

E as representações verbais são provenientes de percepções auditivas que se tornaram resíduos mnêmicos e, desta forma, a palavra seria um resíduo mnêmico de uma palavra ouvida, e o Pcs teria para Freud uma fonte sensória especial. O resíduo visual não tem o mesmo privilégio dos resíduos auditivos, com exceção dos indivíduos surdos-mudos que utilizam de forma diferenciada a visualização. Freud explica que o resíduo visual difere do auditivo neste processo devido a sua localização mais próxima do Ics.

Após este esclarecimento de qual lugar ocupam o *Cs.*, *Pcs.* e *Ics* na teoria da mente de Freud, em 1923, podemos voltar às novas características do modelo estrutural mental.

O aparelho mental de 1923 foi elaborado em resposta aos problemas da psicose, e trata-se de uma descrição estruturalista, consistindo em uma divisão da mente em três instâncias: o Id, o Ego e o Superego.

A palavra instância veio a ser utilizada pela primeira vez em *A interpretação dos sonhos*, e é sinônimo do termo sistema. Apesar disso, instância pode ser considerada na teoria freudiana com um sentido tópico e dinâmico, enquanto que sistema tem um sentido tópico e, devido a isso, sistema corresponderia melhor à Primeira Tópica do que o termo instância que, por sua vez, apresenta uma melhor correspondência com a Segunda Tópica.

Esta possibilidade de mente dividida em instâncias, há tempos, já estava sendo rascunhada na mente de Freud, mas de onde teriam vindo os nomes usados para denominá-las?

James Strachey (1996) explica na introdução de *O Ego e o Id* (1923) que o termo '*das Es*' que conhecemos como o Id, Freud teria derivado dos trabalhos do médico Georg Groddeck, o qual também era ligado a psicanálise. No entanto, o termo não pertencia a Groddeck que, por sua vez, parece ter trazido de seu professor Ernest Schweninger, também médico. Mas ainda há uma referência de Freud de que o termo remete a Nietzsche. Ainda assim, o termo passou por uma adaptação e passou a definir o que antes era *Ics.*, o inconsciente e o inconsciente sistemático (STRACHEY, 1996).

O termo '*das Ich*' que conhecemos como o Ego já existia antes dos trabalhos freudianos e observou-se que ele tinha dois sentidos. Um que diferenciava o eu de uma pessoa com o de outra, e outro que se referia a uma parte específica da mente, tendo características e funções especiais. Este segundo sentido é o que Freud utiliza no modelo de 1923. O ego inicia-se no sistema *Pcpt.*, onde encontramos o seu núcleo, detém o *Pcs.* e se prolonga até o inconsciente. Porém, sob influência de Georg Groddeck, Freud propõe que "a entidade que tem início no sistema *Pcpt.* de 'ego', [...] e a outra parte da mente, para a qual essa entidade se estende e que se comporta como se fosse *Ics.* de 'id'". O ego se encontra ligado ao id, ou seja, "sua parte inferior funde-se com ele." (FREUD, [1923] 1996f, p. 37).

O id é concebido como a localidade psíquica mais antiga. Ele é composto de tudo o que é herdado, que se acha presente no nascimento e na constituição. O Id possui a qualidade de ser Inconsciente. No id as pulsões de origem somática encontram a primeira expressão psíquica. Assim, se pensarmos do ponto de vista “econômico”, o id é, para Freud, o reservatório inicial da energia psíquica. O id é “dinâmico”, porque abriga e interage com as funções do ego e com os objetos, tanto os do mundo exterior, como os que foram introjetados. E é “funcional”, porque é regido pelo princípio do prazer. E de uma parte do id que amadureceu sob influência da vivência com o mundo externo, surge o ego. Freud ([1923] 1996f, p. 38) diz que:

É fácil ver que o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do *Pcpt.-Cs.*; em certo sentido, é a extensão da diferenciação de superfície. Além disso, o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio da realidade.

Para Monzani (1989, p. 267), o conceito de id foi possível por meio das hipóteses provenientes de *Além do princípio de prazer* de pulsão de vida e pulsão de morte. Este autor considera que estas formas de pulsão descritas por Freud são um mergulho no biológico, que trouxe a possibilidade do conceito de id com um substrato biológico presente no núcleo do inconsciente.

A ideia do ego não é nova, nem mesmo foi criado por Freud, como também não criou o termo inconsciente e consciente. O Ego que muitas vezes esteve concebido como sinônimo de consciência, de fato está presente nas obras da maioria dos grandes filósofos, sobretudo os alemães, desde meados do século XVIII. Essas referências filosóficas embasaram os primeiros trabalhos dentro de uma psiquiatria dinâmica que procurava desvincular-se das concepções organicistas do funcionamento do espírito humano. Meynert, cujas aulas Freud acompanhou em 1883, formulou, por sua vez, uma concepção dual do ego fazendo uma distinção entre o ego primário, parte inconsciente da vida mental que tem sua origem na infância, e o ego secundário, ligando à percepção consciente. Estas marcas podem ser vistas no rascunho que Freud escreveu, o *Projeto* de 1895.

Com o *Projeto* de 1895, Freud tinha a preocupação de demonstrar que o termo ego não era o mesmo que o termo “sujeito”. O ego no *Projeto* tratava-se de uma formação do sistema ψ com a função de dificultar a passagem de Q, ou seja, tem uma função inibidora e, portanto, o ego do *Projeto* é muito diferente do ego da Segunda Tópica.

Também o termo ego apareceu no trabalho de 1900 em *A interpretação dos sonhos*, de forma mais sutil, que teria a função defensiva frente ao recalco, pertencente ao sistema Pcs/Cs que barra os conteúdos do Ics.

Em *Além do princípio de prazer* de 1920, Freud declara o ego como sendo em grande parte inconsciente, e apenas uma parte dele é consciente.

Em 1923, Freud descreve o ego como responsável pela autopreservação. Ele tem a função de comandar o movimento voluntário, armazenar experiências (na memória), dar conta dos estímulos, evitando estímulos excessivamente intensos e lidando com os estímulos moderados, bem como aprendendo a modificar o meio em seu próprio auxílio. Em relação ao id, exerce controle das pulsões decidindo se estas devem ou não ser satisfeitas.

O ego interessa-se em buscar o prazer e evita o desprazer. Também, quando o ego se retira de sua conexão com o mundo, entra em estado de sono, estado esse, em que ocorrem modificações em sua organização.

Se pensarmos o ego do ponto de vista dinâmico, ele representa no conflito neurótico o pólo defensivo da personalidade; utiliza uma série de mecanismos de defesa, motivados pela percepção de um afeto desagradável (sinal de angústia). Do ponto de vista econômico, o ego surge como um fator de ligação dos processos psíquicos.

O processo de pensamento no interior do Ego possui a qualidade de ser Pcs–Cs e, portanto, é caracterizado pela possibilidade de acesso à Consciência por meio de resíduos da fala.

Desta forma, o ego é composto por aquilo que chamamos de razão e senso comum, sendo que o id é composto das paixões. O ego é carregado de percepções, assim como o id é carregado das pulsões. Mas como o id, o ego também recebe influência das pulsões, visto que ele é uma parte do id, mesmo que modificada ainda recebe tal influência.

No Ego forma-se outra gradação que recebeu conteúdos próprios da vivência com os pais durante o período da infância. Esta formação recebe o nome de Superego e aos poucos vai se diferenciando do ego e se transformando em uma terceira força. O seu papel é parecido com o de um juiz ou de um censor relativamente ao ego. Freud vê na consciência moral, na autoobservação, na formação de ideais, o papel do superego.

Segundo Freud ([1923] 1996f, p. 48) esta:

Diferenciação do superego a partir do ego não é uma questão de acaso; ela representa as características mais importantes do desenvolvimento tanto do indivíduo quanto da espécie; em verdade, dando expressão permanente à influência dos pais, ela perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem.

Freud quer ressaltar neste trecho que a formação do superego sem dúvida constitui-se por uma interiorização das exigências e das interdições parentais. Ainda, Freud ([1923] 1996f) ressalta que a formação do superego está ligada ao complexo de Édipo, mais precisamente, a sua repressão, fazendo com que a criança entre para o período de latência²⁹.

No período de latência, a criança abandona a satisfação de seus desejos edipianos por meio da interdição dos pais, e “transforma o seu investimento nos pais em identificação com os pais, interioriza a interdição.” (LAPLANCHE, 2008, p. 498). Assim, considerando uma criança do sexo masculino com o seu complexo de Édipo positivo, ou seja, não levando em conta a parte do complexo que deriva da sua natureza feminina, concluímos que a fixação libidinal da criança será levada a identificar-se com seu pai. Isto ocorre, segundo Freud, por motivo de uma tentativa de controle da cólera de seu pai, e “ao mesmo tempo assegura-se de alguma compensação pelas relações eróticas com a sua mãe, à qual é então compelido a renunciar” (WOLLHEIM, 1971, p. 201).

Contudo, como a criança pode introjetar uma parte tão rigorosa e austera dos pais, e ignorando os seus sentimentos de amor e desvelo?

Segundo Wollheim (1971), Freud explica que isso ocorre devido aos sentimentos hostis que a criança sentiu durante o complexo de Édipo, e que não expressou devido ao amor que sentia por seus pais, bem como pela noção de sua dependência física dos mesmos; mas a criança acaba introjetando a agressão inconsciente vinda dos pais.

Wollheim (1971) ressalta que Freud, em 1923, adota a visão de introjeção relacionada ao ego como dando consequência na formação do superego. Para este autor, o superego é formado a partir de relações com pais ou figuras de autoridades do meio da criança.

Segundo Laplanche (2001, p. 498), o termo *Über-ich*, que conhecemos como superego, foi descrito por Freud pela primeira vez no texto O ego e o id, de 1923. Segundo este autor, Freud retrata o superego como uma instância do ego que se separou e que tende a dominá-lo. Esta dominância aparece exemplificada pelos estados de luto patológico ou de melancolia observados em clínica, onde o paciente se “vê criticar e depreciar”.

²⁹ Período que se segue ao declínio de complexo de Édipo que inicia entre cinco e seis anos e termina no início da puberdade.

Freud (1996), contudo, coloca o ego como o representante do mundo real e o superego do mundo interno, desta forma, os conflitos gerados pelo ego e superego nada mais são do que conflitos entre o mundo real e o psíquico.

No texto de 1923, Freud ainda vincula o ego, id e o superego a duas classes de pulsões, bem como, ao princípio de prazer. As pulsões seriam representadas pela pulsão sexual chamada de Eros que está ligada às atividades do id e a pulsão de autopreservação que está relacionada ao ego.

O princípio do prazer guia o id no sentido de aliviar as tensões buscando na “satisfação das tendências diretamente sexuais”. E no ego, por sua vez, age “sublimando um pouco da libido para si próprio e para seus propósitos auxilia o id em seu trabalho de dominar as tensões.” (FREUD, [1923] 1996f, p. 60).

A Segunda Tópica remodelou o aparelho psíquico dando-lhe novas distinções para suas instâncias, sendo que o id acaba possuindo as características do Ics, mas também no ego e superego se encontram “uma origem e uma parte inconsciente.” (LAPLANCHE, 2008, p. 238).

Na Segunda Tópica, por meio da descrição do ego que se conhece a função das outras estruturas, ou seja, o ego está no centro da descrição do aparelho psíquico ligando-se a todas as estruturas ou instâncias, o id e o superego. A estrutura do ego é montada sobre três vertentes. Uma que Freud define como o núcleo, ou seja, a partir da ligação com o exterior, através do sistema *Pcpt-Cs.*; outra que a relaciona com o id onde a identificação com os objetos pulsionais lhe fornece consistência; e por fim, sua relação com o resíduo da identificação como mecanismo primitivo de sua formação: o superego. Estes três aspectos indicam o dinamismo com que as instâncias psíquicas operam na Segunda Tópica.

Então, após esta apresentação da Segunda Tópica, temos de fazer um questionamento sobre a importância desta obra e a sua diferença com a Primeira Tópica. Vejamos a seguir.

3.3 As Tópicas e seus sentidos relacionados ao inconsciente

Para Wollheim, o inconsciente é fundamental para a psicanálise, mas reforça que este não se trata do mesmo inconsciente que a psicologia aborda, ou seja, Freud talhou um

outro inconsciente que foi sendo remodelado no percurso da psicanálise junto com as remodelações do aparelho psíquico. Wollheim (1971, p. 162) diz que:

O conceito de inconsciente é geralmente considerado central na descrição freudiana da mente e é precisamente na importância que ela atribui aos processos mentais inconscientes que se pensa residir a diferença característica entre as teorias psicanalíticas e as outras psicológicas.

Monzani (1989, p. 292) acredita que a Segunda Tópica exprime ao leitor uma nova condição para o inconsciente, que deixa de ser a de um sistema, mas continua designando-a como qualidade psíquica; também exprime, que a “repartição nova das instâncias – Id, Ego e Superego – parece pouco ou quase nada ter a ver com os conceitos de consciente e inconsciente”, ou ainda, Freud não demonstra uma ligação entre o que foi definido como sistema inconsciente na Primeira Tópica e as entidades da Segunda.

A Segunda Tópica no entender de Monzani (1989) é uma reformulação que recebe explicações diferentes para a sua aparição. Uma delas seria a de que Freud teria feito uma exame mais aprofundado sobre o recalçamento e isso o levou a registrar suas novas descobertas. Outra forma de ver a Segunda Tópica seria de um alargamento da teoria freudiana causado por descobertas provenientes da clínica. E uma terceira forma de ver estaria vinculada a autores que se colocam à frente de uma posição chamada de “pragmatismo epistemológico”, acreditando que as duas Tópicas possuem instrumentos diferentes que permitem abordagens diferentes para os fenômenos. E, segundo este ponto de vista, a Primeira Tópica ofereceria uma melhor abordagem aos fenômenos oníricos, e a Segunda para os fenômenos próprios de conflitos neuróticos. Sendo, por isso, as duas Tópicas consideradas relevantes ao trabalho psicanalítico, visto que as duas poderiam ser usadas como instrumentos diferentes relacionados ao contexto a que se adéquam (MONZANI, 1989, p. 234).

A Primeira Tópica, para Monzani (1989, p. 254), apresenta problemas já enunciados por Freud principalmente no que toca o sistema Ics opondo-se ao sistema Pcs, onde o Ics é identificado com o recalçado, enquanto o Pcs é o responsável por esse recalçamento. Mas esse fato não é tão simples assim: Monzani explica que a “experiência analítica mostra que, quando se trata de fazer emergir as resistências, aquilo que recalca, o sistema defensivo, está no mesmo nível inconsciente que a instância recalçada.” E mais ainda, existe:

[...] a dinâmica do conflito neurótico e a diferença entre ser inconsciente e pertencer ao sistema inconsciente; os modos de funcionamento do inconsciente; a remodelação da noção de ego e a composição do inconsciente. (MONZANI, 1989, p. 254).

Assim, Monzani (1989) acredita que os anos 20 trouxeram uma proposta diferenciada que parecia oferecer a solução para os problemas da Primeira Tópica. Monzani (1989, p. 254) refere que:

[...] desenvolvimento da noção de ego; de suas instâncias ideais (superego, ideal do ego e ego ideal); uma nova visão do conflito (já que essas instâncias ideais não mais se opõem ao inconsciente porque elas mesmas são, em boa parte, inconscientes); uma clara assunção de que o critério consciente/inconsciente é insuficiente (ver parágrafos logo a seguir) e, por fim, uma aceitação de que o inconsciente não se resume à teia das representações recalçadas.

Mas antes de Freud chegar a solução de 1923, segundo Monzani (1989, p. 255), ele tentou encaixar todos os fatos observados na teoria da Primeira Tópica, no entanto, isso só demonstrava o quanto esta teoria apresentava problemas. Um exemplo dado por Monzani é o dos sistemas psíquicos Ics, Pcs e Cs que deveriam ser regulados por leis próprias, mas o próprio Freud alertava para o fato de as leis de um sistema poder reger outro sistema.

Monzani (1989, p. 257) refere que o trabalho de Freud até 1915 leva a dois pensamentos. O primeiro é a “exigência de uma topologia psíquica, que parece acarretar necessariamente a ideia de sistemas (Pcs, Cs, Ics) em função da questão do estatuto da representação (é ou não consciente?)”, e o segundo é sobre “as contradições pelas quais a topologia anímica faz com que essa concepção enverede”.

As soluções que Freud apresentava, frente ao estatuto da representação em 1915, remetem a uma concepção topológica e econômica. Estas soluções já estavam presentes no capítulo VII da *Traumdeutung*, bem como no *Projeto*, por isso, percebe-se que não houve soluções novas e sim foi mantido o que já se preconizava anteriormente.

Mas se a Primeira Tópica se apresentava carregada de problemas conceituais porque Freud a teria mantido por tanto tempo?

Para Monzani (1989), Freud já estava construindo havia muito tempo uma nova proposta estrutural de aparelho psíquico, mas faltava a instância que ele nomeou de Id, que veio, por sua vez, fazer Freud abrir mão do sistema Ics. Sem o Id, Freud não poderia abandonar simplesmente um conceito, que, até então, estava no patamar de “Pedra Angular” da psicanálise, o do Inconsciente enquanto sistema, assim, o Id possibilitou esse “lugar, radical e inacessível, que, no entanto, estrutura o sujeito.” (MONZANI, 1989, p. 280).

Monzani (1989, p.281) traz o pensamento de dois estudiosos da obra freudiana, Arlow e Brenner, para referir que a teoria estrutural da Segunda Tópica, segundo estes autores, vem a ser uma nova teoria que tem o propósito de substituir a antiga Primeira Tópica.

Também para Monzani (1989, p. 281), apesar de alguns autores considerarem as duas Tópicas válidas no sentido que servem como instrumentos diferenciados, existem outros que colocam as duas Tópicas, a topográfica e a estrutural, como incompatíveis, sendo a teoria estrutural, ou seja, a Segunda Tópica, a mais satisfatória, acreditando que esta é que deve servir de “compreensão de todos os fenômenos da mente.”

Concordamos com os autores que acreditam que as ideias de 1923 trouxeram novidades, sem referência anterior, e que, por oferecer propostas para problemas que a Primeira Tópica não teria resolvido, a Tópica estrutural deve receber o encargo de representar o modelo mental da psicanálise. No entanto, vemos conceitos que são mantidos nesta obra que vieram de outras anteriores e, portanto, mantêm um elo entre os trabalhos. E ainda que a Primeira Tópica, apesar de ter apresentado, no entendimento de alguns estudiosos, incompatibilidades conceituais no seu interior, ainda apresenta recursos incontáveis principalmente no desenvolvimento do trabalho clínico.

Contudo, Monzani (1989) acredita que a Segunda Tópica conquistou o patamar de ser a versão apreciada em detrimento da primeira, ou ainda, que as ideias lançadas no texto *O ego e o id*, de 1923, foram muito bem aceitas, e podemos acreditar na possibilidade de um abandono da Primeira Tópica por estudiosos da psicanálise seguindo até mesmo Freud que parece ter melhor apreciado a Tópica estrutural. Percebe-se que, após 1923, Freud manteve a estrutura da Segunda Tópica, e isto pode ser visto em textos posteriores como *Novas conferências* e o *Esboço da psicanálise* em que são ampliadas as ideias de 1923, e pouco se alude aos temas da Primeira Tópica.

Assim, passemos para o próximo capítulo, onde deveremos discutir o inconsciente freudiano e a crítica realizada por Searle em 1997.

CAPÍTULO 4 - O ESTATUTO ONTOLÓGICO DO INCONSCIENTE E A CRÍTICA SEARLEANA DO INCONSCIENTE FREUDIANO

Iniciaremos este capítulo com uma breve digressão histórica sobre a teoria da mente freudiana e do inconsciente. Em seguida, retomaremos a concepção de mente segundo John Searle, de 1997, bem como, a sua crítica ao inconsciente freudiano.

4.1 O inconsciente freudiano, uma trajetória de reconstrução

O termo inconsciente tal como definido por Freud já conta com mais de 100 anos e, segundo Garcia-Roza (2004d, p.207), na história do saber ocidental podemos apontar alguns conceitos que chegam a ter milênios de definição. Quando um conceito vence as barreiras do tempo acaba trazendo junto de si a assinatura do seu autor e a teoria a que pertence.

O conceito de inconsciente freudiano apesar de não ter milênios apresenta idade suficiente para dizer que sobreviveu ao tempo. No entanto, é preciso considerar que o termo não tem a mesma concepção desde a sua criação. Já no início, quando nasceu foi sendo remodelado, a fim de que representasse de fato os sintomas observados na clínica. Atualmente pode-se dizer que outras modificações vêm ocorrendo após a leitura de estudiosos de áreas como a Lógica, a Linguística, entre outras, e essa intercomunicação acaba levando a uma nova forma de conceber o inconsciente (GARCIA-ROZA, 2004d, p. 207).

Freud criou uma concepção de inconsciente pautada na clínica de problemas mentais que, para tal, tinha necessidade de entender como ocorriam os processos mentais, como estavam estruturados e, assim, viu a necessidade de construir uma teoria da mente que desse conta de explicar os sintomas de seus pacientes. Esta teoria da mente também foi se modificando, mas muitos conceitos que fizeram parte da sua construção permaneceram, e aparecem nos trabalhos seguintes.

Desde o início o aparelho mental freudiano foi criado dentro de uma descrição topográfica. Os trabalhos que deram origem às tópicas traziam concepções diferenciadas de sua estrutura, bem como, no conceito de inconsciente. Assim, Freud descreveu que a mente abrigava uma parte reprimida e outra repressora, onde a consciência era a repressora e a reprimida era o inconsciente. O inconsciente poderia ser descrito sob diversas formas. Em uma delas, o inconsciente tinha um caráter descritivo e atribuía qualidade específica a um

estado mental e significaria apenas que a representação não é consciente, mas que poderia ser-lo por decisão da pessoa, ou seja, estes processos inconscientes não são diferentes em sua natureza dos processos conscientes. Outra forma propunha um caráter dinâmico ao inconsciente, onde poderia se atribuir uma função específica a um estado mental. Outra forma mostrava o inconsciente como sistema Ics que abrigava conteúdos próprios. Mas também o inconsciente foi concebido como sistemático, em trabalhos que se seguiram, e que significaria dizer que os processos inconscientes, no que toca a sua natureza, não seriam iguais a dos processos conscientes, seriam os conteúdos recalcados (GARCIA-ROZA, 2004d, p. 218).

Assim, muitos são os sentidos dados ao inconsciente freudiano, e estes sentidos estão ligados à tópica da qual foram gerados.

O termo tópica que significaria lugares, segundo Laplanche (2008, p. 505), tem como origem a ciência, mais precisamente, às teorias localizacionistas cerebrais do século XIX. Apesar de receber influência neste mundo da ciência, a teoria de lugares psíquicos de Freud não se limita a designar lugares, mas a atribuir a cada um desses lugares funcionalidade diferenciada.

As tópicas são relacionadas especificamente a duas obras, a de 1900 *Interpretação dos sonhos*, e o trabalho de 1923 chamado *O Ego e o id*. Mas é importante que se diga que outros trabalhos que permearam estes dois citados formam um elo no desenvolvimento da teoria da mente de Freud.

O capítulo VII da *Traumdeutung* é que marcou a Primeira Tópica, no entanto, podemos verificar suas raízes desde o *Projeto* de 1895, quando ainda se privilegiava o neurológico. A *Traumdeutung* traz como lugares psíquicos o Ics (Inconsciente), o Pcs (Pré-consciente) e o Cs (Consciente). Mas a tópica de 1900 foi desenvolvida nos artigos metapsicológicos de 1915 (LAPLANCHE, 2008, p. 506).

Em 1920, Freud traz até mesmo o Ego como estrutura que, em grande parte, é formado pelo inconsciente, e apenas uma parte dele pré – consciente. Após este trabalho, Freud concluiu que a consciência não era mais “útil na construção de uma representação estrutural de mente”, e passa a utilizar o termo como qualidade de um estado mental. (STRANCHEY, 1996, p. 17). Em 1923, Freud remodela o aparato psíquico, e nasce a Segunda Tópica com as novas instâncias conhecidas como Id, Ego e Superego, porém, segundo Garcia-Roza (2004d, p. 208), neste trabalho Freud “mantém a ideia do inconsciente como um lugar psíquico diferenciado e identificado com o recalcado.” Na Segunda Tópica, então, o Id é inconsciente, apesar de não ser o Inconsciente.

Para Garcia-Roza (2004d), essa característica da Segunda Tópica não a coloca como substituta da Primeira, já que as instâncias criadas não sobrepõem os sistemas da Primeira Tópica (Ics, Pcs, Cs).

Vejam resumidamente como foi concebido o inconsciente desde o seu nascimento passando pelas tópicas.

As primeiras referências sobre o inconsciente nos levam ao *Projeto* de 1895, quando Freud já escrevia conteúdos inconscientes. No *Projeto*, o inconsciente foi descrito como uma representação reprimida cravada no cérebro. Já na Primeira Tópica, o inconsciente é referido no sentido topográfico como lugar psíquico, bem como no sentido descritivo, que se trata de conteúdos recalcados, representações das pulsões que são recalcadas. Estas representações são descritas como desejos da infância que conhecem uma fixação no psíquico. No artigo *O Inconsciente*, Freud descreve os conteúdos inconscientes como sendo o representante da pulsão carregado de desejo.

Para Garcia-Roza (2004d, p. 220), nesta proposta de aparelho psíquico que pertence à Primeira Tópica, vemos que o que se opõe ao Ics não é o Cs e sim o Pcs. Isto se deve, segundo este autor, ao fato de a descrição dada ao Cs partir da sua localização no aparato psíquico, e devido a sua funcionalidade estar ligada ao dispositivo de atenção e percepção.

Garcia-Roza (2004d, p. 214), também refere que pode-se verificar que a Primeira Tópica mostra que no Ics se acham representações que são imagens complexas, visuais, acústicas, táteis, olfativas, cinestésicas, e estas representações “são minhas”³⁰, ou seja, não se confundem com as representações de outra pessoa o que leva a um inconsciente pessoal.

Ainda não se pode esquecer que, apesar de os textos anteriores a 1920 tratarem os conteúdos inconscientes como sendo recalcados, ainda existem referências em vários textos dos conteúdos inconscientes não adquiridos pelo indivíduo, mas concebidos também como filogenéticos e, assim, constituiriam o núcleo do inconsciente (GARCIA-ROZA, 2004e).

Na Segunda Tópica (1923), Freud descreve o inconsciente como nem todo reprimido, uma parte também é pertencente às instâncias Id, Ego e Superego, e recebe características de seus funcionamentos, e o inconsciente é tido também aqui como uma representação.

Desta forma, temos o conteúdo do inconsciente como sendo formado por representações latentes que, temos motivos para supor, sua existência na dimensão psíquica

³⁰ No sentido de próprias de uma determinada pessoa.

como era o caso da memória, em um sentido descritivo. Mas também, existem aquelas que têm que se manter fora do consciente, e esta entendemos em um sentido dinâmico. Uma representação inconsciente é, portanto, aquela que não percebemos, mas cuja existência admitimos, com base em outros indícios e evidências que se dão a ver na consciência (HANNES, 2004, p.85).

Ainda poderíamos dizer que o inconsciente seria comparável a uma etapa do psíquico, entendendo que todo ato psíquico começa inconsciente podendo permanecer ou tornar-se consciente se a resistência assim permitir (HANNES, 2004, p.87).

Garcia-Roza (2004d p. 216) discorda de alguns estudiosos de Freud que colocam o inconsciente como uma construção lógica, para ele uma representação inconsciente não é “uma abstração, um esquema operatório, uma lei, mas uma entidade concreta que faz pressão num ou noutro sentido, que nos ameaça, que produz desprazer, algo, portanto, que tem uma realidade.

A noção de representação não foi criada por Freud. Trata-se de um vocabulário filosófico com o termo *Vorstellung* que Freud empresta à sua teoria trazida a partir de Franz Brentano, e que recebeu uma caracterização psicanalítica (GARCIA-ROZA, 2004e). Mas não se pode esquecer que ligados à representação estão as pulsões cuja característica fundamental descrita por Freud é de ser um conceito que se situa entre o físico e o mental, é o representante psíquico dos estímulos que se originam no corpo. Assim, a pulsão é uma carga energética enviada pelo somático ao psiquismo.

O inconsciente freudiano, assim, foi concebido como a pedra angular da psicanálise, e Freud teve o cuidado para que este conceito recebesse a compreensão verdadeira do que era e a que veio, por isso, nos seus textos existe uma larga referência no sentido de dizer o que o inconsciente não é, impedindo que este conceito fosse confundido com outro já existente. Para exemplificar esta nossa colocação, temos os argumentos usados por Freud no artigo de 1915 em que o inconsciente é descrito como aquele que não está à “margem da consciência, também não é o profundo da consciência, assim como não é o lugar do caótico e do misterioso” (GARCIA-ROZA, 2004d, p. 209).

No texto escrito em 1940, chamado *Esboço de Psicanálise*, Freud, referindo-se à Segunda Tópica, caracteriza os processos conscientes como diferentes dos processos inconscientes, sendo que estes últimos são concebidos como “fenômenos concomitantes” supostamente somáticos. A consciência é o mesmo que é para os filósofos e o senso comum, uma qualidade do mental, obtida só por momentos que podem persistir por algum tempo, ou passar num relâmpago (FREUD, [1940] 2005, p.175).

Mas Freud, ao assumir o inconsciente como verdadeiramente psíquico, rompe também com a filosofia, e, ao assumir o inconsciente como psíquico, concebido como supostamente somático, confere-lhe uma ontologia orgânica, biológica, fisiológica.

Freud ([1940] 2005, p. 176) diz que:

A maioria dos filósofos, entretanto, assim como muitas pessoas, discute isso e declara que a ideia de algo psíquico ser inconsciente é contraditório. Mas é isso o que a Psicanálise é obrigada a afirmar, e esta é a sua segunda hipótese fundamental. Ela explica os fenômenos concomitantes como sendo o que é verdadeiramente psíquico, e assim, em primeira instância, menospreza a qualidade da consciência.

Freud deixa claro nos seus últimos trabalhos que assume o psíquico como inconsciente e que sua ontologia é biológica, mesmo não tendo provas plausíveis desta ontologia, espera que no futuro isso possa ser comprovado.

Agora vamos retomar a concepção de mente de John Searle, bem como sua crítica ao inconsciente freudiano, por meio do capítulo VII chamado de *O inconsciente e sua relação com a consciência* da obra *A redescoberta da mente* de 1997.

4.2 A mente de Searle

No capítulo VII de *A redescoberta da mente* (1997), John Searle inicia dizendo que a “noção do inconsciente é tão grande que não podemos ficar sem ela, mas a noção está longe de ser clara”. Para ele as gerações anteriores ao século XX consideravam a noção de consciência como sendo viável e a noção de inconsciente como sendo “enigmática, talvez até mesmo autocontraditória.” (SEARLE, 1997, p. 217).

Esta argumentação de Searle (1997) nos remete a de Freud, citada acima, com respeito à posição da filosofia que foi publicada por Freud em 1940 no texto *Esboço de psicanálise*. Freud ressalta que, apesar desta posição da filosofia de ver a afirmação do inconsciente como mental ser enigmática e autocontraditória, não vê outra argumentação relevante a fazer sobre a Psicanálise no que toca à mente como sendo inconsciente, e a consciência ficar colocada em segundo plano.

Para John Roger Searle, a mente não pode ser outra coisa senão a própria consciência, e esta é um fenômeno biológico. Assim, a mente é um fenômeno causado pelos processos neurofisiológicos que ocorrem no cérebro (SEARLE, 1997, p. 7).

Segundo Searle (1997), existem vários fenômenos mentais que se relacionam, tanto com o consciente como com o inconsciente. Porém, a consciência é a noção mental

central, e “todas as outras noções mentais: como intencionalidade, subjetividade, causação mental, inteligência, etc., só podem ser plenamente compreendidas como mentais por meio de suas relações com a consciência” (SEARLE, 1997, p. 125-126).

A consciência no entender de Searle é responsável tanto por estados de lucidez ou vigília como por variados graus que vão do pré-coma, passando pelo sonho, sonolência, entorpecimento, o enfado e a desatenção. Teríamos então, graus de consciência que funcionariam como uma espécie de reostato neuropsíquico, ou seja, como um interruptor que liga-desliga, transformando os estados em conscientes e não conscientes (Ibidem, p. 124). Portanto, para Searle quando sonhamos temos consciência dos sonhos, e assim, teríamos formas oníricas de consciência e os pensamentos lúcidos seriam formas despertas de consciência. Desta forma, teríamos níveis de consciência que iriam de um nível muito baixo como o estado de coma até um nível de atenção intensa.

Ainda pode-se dizer que Searle considera que existe consciência quando se tem ciência de algo (awareness), e que pode-se continuar a ter conhecimento de algo durante o período em que estamos inconsciente. Ainda refere que é possível que se diga que “parece possível que pudéssemos levar em conta casos nos quais alguém esteja ciente de algo inconsciente.” (SEARLE, 1997, 124-125).

Para Searle “os estado conscientes sempre têm um conteúdo”, ou seja, estar consciente de algo é ter ciência de algo, sendo que este algo significaria um aspecto intencional da consciência (SEARLE, 1997, p. 125).

Searle (1997) considera que a consciência é causada pelo comportamento de microelementos de sistemas nervosos e é percebida nas estruturas desses sistemas, ela não é redutível, tal como são outras propriedades biológicas, porque possui uma ontologia subjetiva, isto é, ela só existe quando é experimentada como tal. A consciência e a experiência da consciência seriam, na visão searleana, a mesma coisa, e isso faria dela uma propriedade irreduzível à substância (o cérebro) que a produziu ou a causou.

Mas e o inconsciente como seria descrito por Searle?

Na introdução da obra *A redescoberta da mente*, Searle assume que podemos pensar e crer inconscientemente, em uma referência irônica dos textos filosóficos. Diz que: “Penso que, inconscientemente, passei a acreditar que a qualidade fisiológica é inversamente proporcional ao número de referências bibliográficas.” (SEARLE, 1997, p. 6).

Mas no capítulo VII do livro *A descoberta da mente* de 1997, Searle mostra suas resistências com relação ao inconsciente. Para ele houve uma inversão de valores quanto à importância que se atribuía à consciência, a qual se deslocou para o inconsciente.

Searle (1997, p. 218-219) argumenta que “não temos uma noção nítida de estados mentais inconscientes”. Ainda acredita que, se Freud tivesse como comprovar os estados inconscientes, não teria usado de metáforas na sua descrição do inconsciente.

No entanto, concorda que existam estados mentais que não poderiam ser trazidos à consciência, e dá o exemplo de estados mentais que causariam dor:

[...] sem dúvida, há muitos que não poderiam ser trazidos à consciência por uma razão ou outra – podem ser dolorosos demais e, portanto, por demais reprimidos para que pensemos neles, por exemplo. Todavia, nem sequer todo estado de um agente é um estado mental, e nem sequer todo estado do cérebro que atua essencialmente na produção de fenômenos mentais é, ele mesmo, um fenômeno mental. (SEARLE, 1997, p. 221).

Neste trecho vê-se também que Searle não acredita que todos os estados cerebrais sejam estados mentais. Então, quando um estado cerebral seria considerado um estado mental?

Para Searle (1997), um estado inconsciente é um estado mental inconsciente quando possui características ou propriedades causadas por estruturas cerebrais e que são estados mentais, mesmo quando não estou pensando, ou quando os reprimi. Neste sentido, somos levados novamente à teoria freudiana quando menciona os estados mentais inconscientes, latentes ou reprimidos, conforme mostrado no *Projeto* de 1895.

Assim, na teoria searleana existem duas possibilidades na vida mental: uma que diz que estados e processos neurofisiológicos inconscientes causados por estruturas neurobiológicas cerebrais capazes de gerar estados mentais conscientes; e a segunda, a existência de estados mentais conscientes.

Searle (1997, p. 232) refere que “não há nenhum estado mental intencional profundamente inconsciente” que não seja acessível à consciência, pois tudo o que é mental é acessível a ela.

Mas como os fenômenos mentais seriam produzidos pelo cérebro no entender de Searle? Como Searle soluciona o problema mente e cérebro?

Searle (1997), em primeira instância, não afirma ter solução para explicar a teoria da mente, mas acredita que a neurobiologia fornecerá futuramente. Ele acredita que temos indícios da relação mente e cérebro, e temos de ser otimista e acreditar que um dia a prova será possível. Contudo, vemos que Searle deixa aos neurocientistas o encargo de explicar a relação mente e cérebro.

Mas como resolver a questão: “existem realmente estados mentais inconscientes?”

Para Searle (1997, p. 239), não há estatuto ontológico de estados mentais inconscientes; para ele, o termo inconsciente deve ser empregado para dois tipos de estados cerebrais inconscientes: um estado cerebral não mental (não consciente), elementar, de nível inferior, e um estado cerebral mental (inconsciente), complexo, de nível superior.

O inconsciente searleano é um inconsciente intencional constituído de crenças sobre as quais o sujeito não está pensando em dado momento, e nas quais pode nunca ter pensado. Mas é também um inconsciente constituído de crenças inconscientes que, não necessariamente, corresponderiam a algum tipo de repressão freudiana ou de qualquer outro tipo. É um inconsciente constituído de crenças que o sujeito tem, sem pensar nelas normalmente.

Assim, o inconsciente, no entender de Searle (1997), poderia ser tanto neurofisiológico quanto mental. Sendo que um exemplo de um estado mental inconsciente genuíno seria a crença de que se eu não estiver pensando nela, ela ficará inconsciente. Diz que:

Na minha concepção, dentro de nossos crânios há uma massa de neurônios engastada em células neurogliais, e algumas vezes este sistema vasto e intrincado é consciente. A consciência é causada pelo comportamento de elementos de nível inferior, presumivelmente em níveis neuronais, sinápticos e colunares, e como tal é uma característica de nível superior do sistema como um todo. Não pretendo dizer que haja qualquer coisa simples acerca de consciência ou neurofisiologia. Ambas me parecem imensamente complexas, e a consciência em particular aparece, como vimos, numa variedade de modalidades: percepção, emoção, pensamentos, dores, etc. Porém, na minha opinião, isto é tudo que acontece dentro do cérebro: processos neurofisiológicos e consciência. Na minha descrição, falar sobre a mente inconsciente é meramente falar sobre as capacidades causais da neurofisiologia para causar estados conscientes e comportamento consciente. (SEARLE, 1997, p. 241).

No entanto, Freud ([1940] 2005, p. 175) acredita que:

Muitas pessoas, tanto ligadas à ciência [psicológica] quanto estranhas a ela, satisfazem-se com a suposição de que só a consciência é psíquica; nesse caso, a Psicologia não terá senão que fazer a discriminação entre fenômenos psíquicos, percepções, sentimentos, processos de pensamento e volições. No entanto, há uma concordância geral no sentido de que esses processos conscientes não formam sequências ininterruptas, completas em si mesmas; assim, não haveria alternativa para a pressuposição de que existem processos físicos ou somáticos concomitantemente aos psíquicos e que teríamos de reconhecer necessariamente como mais completos que as sequências psíquicas, visto que alguns teriam processos conscientes paralelos a eles, mas outros não. Sendo assim, torna-se plausível dar ênfase, em psicologia, a

esses processos somáticos, ver neles a verdadeira essência do psíquico e procurar outra determinação dos processos conscientes.

Neste trecho, Freud evidencia a sua visão de que o inconsciente é físico ou somático. Mas se refere ainda sobre o consciente e o inconsciente dizendo que não “há necessidade de caracterizar o que chamamos de *consciente*: é o mesmo que a consciência dos filósofos e do senso comum. Tudo o mais que é psíquico é, em nosso ponto de vista, *o inconsciente*”. (FREUD, [1940] 2005, p. 177-178).

A crítica de Searle (1997, p. 241-242) a Freud é de que:

Freud crê que nossos estados mentais inconscientes existam tanto como inconscientes quanto como estados intencionais intrínsecos ocorrentes mesmo quando conscientes. Sua ontologia é aquela do mental, mesmo quando não conscientes [...] a distinção entre dois estados mentais conscientes e inconscientes não é a distinção entre duas espécies de estados mentais [...] todos os estados mentais são realmente inconscientes em si mesmos (*an sich*), e o que denominamos “consciência” é apenas um modo de percepção de estados que são inconscientes em seu modo de existência.

Assim, Searle (1997, p. 242) vê a teoria de Freud incoerente em pelo menos dois aspectos. O primeiro é que ele considera a ontologia do inconsciente incompatível com o que sabemos sobre o cérebro; o segundo aspecto trata da analogia entre percepção e consciência.

Neste ponto, Freud deixa claro no texto de 1940 que sua teoria mostra por meio da clínica que ela é verdadeira, ou seja, que existe sim a relação mente e cérebro, mas não tem como provar que ela exista devido ao que sabemos do funcionamento mental, mas espera que com o avanço da ciência a teoria metapsicológica possa ser comprovada. Por outro lado, Searle parece estar na mesma situação com a sua teoria de mente consciente e prefere deixar o tempo mostrar as provas da mesma.

Contudo, dentro dos critérios de Searle, o inconsciente freudiano não poderia ser de fato, visto que sua existência enquanto entidade mental não seria nem fisiológica nem consciente. E então, como resolver essa questão entre o que é neurobiológico e o que é mental? E os estados inconscientes de Freud são a mesma coisa que são para Searle?

Freud acredita que existam processos físicos ou somáticos, concomitantes aos psíquicos, sendo este psíquico o inconsciente. Assim, para Freud a relação mente – cérebro existe e é por meio dela que ele explica seus conceitos.

Em uma comparação teórica, Searle (1997, p. 243) afirma que o inconsciente freudiano “tem, tudo o que o consciente tem, à exceção apenas da consciência”, mas não esclarece quais eventos ocorrem no cérebro além dos neurofisiológicos. Para ele, a descrição

psicanalítica seria “como-se” o sujeito tivesse “um estado mental inconsciente como a causa do comportamento.”

De fato, Freud nos adverte em sua teoria que o inconsciente só se dá a ver por suas evidências na consciência, ou, como dito por Searle (1997), como causa do comportamento.

Searle ainda discorda de Freud sobre a forma com este último concebe a Consciência, ou seja, como percepção, e que a dota as sensações de qualidade, isto é, uma função agregada à mente e não uma parte essencial ou intrínseca de um estado mental consciente. Consciência em Freud é percepção, ou mais exatamente, “Percepção - Consciência”. Daí afirma Searle que para Freud a consciência “é uma espécie de percepção de estados e eventos que, em sua natureza intrínseca, são inconscientes” (SEARLE, 1997, p. 245).

Searle (1997) continua referindo que Freud concebe que trazer estados inconscientes à consciência consiste em perceber fenômenos mentais inconscientes que, em si mesmos, são inconscientes. Mas, o ato perceptivo (a Consciência) para Freud é um fenômeno mental?

Para Searle (1997), se retirarmos o ato consciente de pensar de um pensamento-ocorrência não nos restará nada, pois:

[...] a distinção entre o ato de perceber e o objeto percebido não se aplica a pensamentos conscientes... Se a percepção atua sob o pressuposto de que o objeto percebido exerce um impacto causal sobre meu sistema nervoso...como poderia isto vir a funcionar no caso em que o objeto percebido é, ele mesmo, uma experiência inconsciente? (SEARLE, 1997, p. 246).

Searle (1997) ainda contesta Freud alegando que não temos uma correspondência clara entre a ontologia do inconsciente e a ontologia da neurofisiologia, a qual, em si mesma, depende da solução do problema mente-cérebro, que, para ele, Searle, constitui um falso problema criado pela visão dualista.

Para Freud essa concepção do psíquico inconsciente pode dar à Psicologia um lugar nas ciências naturais, diz que:

Enquanto a psicologia da consciência nunca foi além das sequências rompidas que eram obviamente dependentes de algo mais, a outra visão, que sustenta que o psíquico é inconsciente em si mesmo, capacitou a Psicologia a assumir seu lugar entre as ciências naturais como uma ciência. Os processos em que está interessada são, em si próprios tão incognoscíveis quanto aqueles de que tratam as outras ciências, a Química ou a Física, por exemplo; mas é possível estabelecer as leis a que obedecem e seguir suas relações mútuas e interdependentes ininterruptas através de longos trechos – em resumo, chegar ao que é descrito como uma *compreensão* do campo dos fenômenos naturais em apreço. (FREUD, [1940] 2005, p. 176).

Contudo, Freud ainda acredita que a sua teoria não é algo acabado, tem um caráter provisório, e que no futuro ela poderá ser verificada, mesmo que tenha que sofrer reformulações, modificações ou correções. Refere que:

[...] Isto não pode ser efetuado sem estruturação de novas hipóteses e criação de novos conceitos, e estes não devem ser menosprezados como indício de embaraço de nossa parte, mas pelo contrário, merecem ser apreciados como um enriquecimento da Ciência. Podem pretender como aproximações, o mesmo valor dos andaimes intelectuais correspondentes encontrados em outras ciências naturais e esperamos que sejam modificados, corrigidos e mais precisamente determinados à medida que uma maior experiência for acumulada e filtrada. Assim, também estará inteiramente de acordo com nossas expectativas que os conceitos e princípios básicos da nova ciência (instinto, energia nervosa, etc.) permaneçam por tempo considerável não menos indeterminados que os das ciências mais antigas (força, massa, atração, etc.). (FREUD, [1940] 2005, p. 177).

Vê-se, então, que tanto a teoria do inconsciente como mental de Freud, e da consciência como mental de Searle são propostas, hipóteses que esperam o avanço da ciência a fim de serem comprovadas. A Psicanálise ao menos tem uma pragmática que permite testar sua teoria e é onde se verifica que é plausível. Já a teoria searleana segue os moldes da filosofia e, portanto, baseia-se em argumentos com alicerces firmes, considerados por muitos.

A nosso ver, então, em uma comparação da divergência entre Searle e Freud tem-se um inconsciente descrito por meio de metáforas que, para Searle, pode levar ao erro de interpretação; tem-se que o inconsciente pode ser potencialmente consciente, e que no entender de Searle seria melhor concebê-lo como consciência reprimida; existem conteúdos mentais inconscientes, ditos pré-conscientes, que se opõem aos conteúdos inconscientes profundos, e que podem se tornar conscientes, mesmo que nunca atinjam a consciência; e existem conteúdos mentais profundamente inconscientes que são, em princípio, inacessíveis à consciência, e nos quais, Searle não acredita que existam.

Este parece um impasse teórico que apenas nos impele a levantar questões, não nos sentimos à vontade para tomarmos partido de um e de outro, apenas, tratamos de mostrar

como se dão as concepções teóricas de Searle e Freud. Vemos situações que não poderiam se resolver, pois são de fundo discutível dentro da filosofia como é o caso da relação mente – cérebro, bem como, da relação Consciente - Inconsciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, ao longo de quatro capítulos, procuramos clarear o conceito do inconsciente freudiano, no que diz respeito à sua ontologia. Trouxemos para tanto, discussões pautadas nas construções teóricas de um aparelho mental, bem como, conceitos que as embasaram tirados de textos adjacentes às tópicas. Mostramos que o conceito de inconsciente nasceu nos primeiros trabalhos freudianos sendo um reflexo da prática clínica com pacientes que apresentavam perturbações mentais, associadas a uma visão proveniente de áreas como a filosofia e a medicina.

No entanto, o conceito de inconsciente freudiano, não se manteve inalterado, pelo contrário, foi sendo remodelado junto com a visão de aparelho mental. E nesta construção de modelo de funcionamento psíquico podemos dizer que o precursor foi o *Projeto* de 1895, seguido pela Primeira Tópica com a *Traumdeutung* de 1900, e, por fim, o trabalho que cristalizou as modificações, *O ego e o id* de 1923.

Freud após ter assumido o mental como inconsciente não mudou esta ideia, apenas deu qualificações diferenciadas a este inconsciente seguindo as mudanças tópicas do modelo psíquico.

A nosso ver, Freud iniciou sua proposta teórica assumindo uma ontologia para o inconsciente com bases na neurologia; em meados de sua trajetória, demonstra dificuldade em continuar afirmando esta premissa, visto que, muitas vezes os sintomas de seus pacientes não deixavam marcas no corpo, não podiam ser vistos como doenças orgânicas pela ciência vigente. Porém, na concepção de Freud, estes sintomas apresentavam sim marcas corpo, bem como, na mente, já que acreditava que isso era inseparável, e para dar conta de explicar o que via, fez uma construção metapsicológica, onde transparece uma ontologia do mental para o seu aparelho psíquico e para o inconsciente. Mas nem mesmo nesse momento, entendemos que Freud abandona as bases orgânicas, pois seus elementos conceituais que fazem parte do seu complexo modelo de mente têm ligações corpóreas. Neste sentido, podemos exemplificar com o conceito de pulsão em que Freud o define como estando entre o corpo e o psíquico.

No final de sua trajetória, Freud retoma sua descrição levando em conta o corpo sem deixar de lado o psicológico, sem que um fosse reduzido ao outro. Assume, com isso, as impossibilidades de dar provas neste campo dos conceitos teóricos da neurobiologia, mas acredita que com a evolução da ciência isto poderia ocorrer mesmo que fossem necessárias correções ou reformulações teóricas. E com essa concepção que visa o corpo e a mente, a

teoria freudiana ganhou o status, para alguns estudiosos da psicanálise, de modelo naturalista da mente (SIMANKE, 2006b, p. 111).

De outro lado, temos a proposta de Searle que acredita que Freud abandonou após o *Projeto*, sua teoria de inconsciente ontologicamente neurobiológico, e que o que considera sobre a consciência não é coerente. Este pensamento de Searle tem base na sua concepção de mente em que a consciência é o seu espelho.

Assim, como diria Martinez (1999), até podemos dizer que, de um lado, temos Freud que traz uma concepção de “naturalismo psicológico” e, Searle, de outro, com o naturalismo biológico.

Temos que considerar, acima de tudo, que as proposta de Freud e Searle têm fins diferentes em campos diferentes de trabalho, o da Psicanálise e o da Filosofia. Por um lado, a Psicanálise objetiva a cura de seus pacientes e, por outro, a Filosofia trata da compreensão de conceitos.

Ainda vemos como a principal diferença entre a concepção de mente de Freud e de Searle a questão de uma teoria privilegiar o inconsciente, ao passo que a outra privilegia a consciência, mas temos que considerar que as duas teorias giram em torno da problemática mente – cérebro e consciente – inconsciente.

A nosso ver, tanto Freud quanto Searle construíram hipóteses baseadas nas representações mentais, que diferenciam quanto às suas qualidades de serem conscientes no caso da teoria de Searle, e inconscientes na teoria freudiana.

Entendemos que a crítica feita à teoria do inconsciente por Searle, de que Freud “vê os estados mentais existindo neste momento e local como estados mentais”, sendo a sua ontologia a do mental, não procede visto que na obra freudiana encontramos indícios de que Freud não acredita que a mente possa existir sem o corpo. Que estão interligados. Searle fez uma crítica recortando a obra freudiana, e para analisarmos de fato a ontologia do inconsciente somos chamados a olhar desde as raízes até a sua última obra.

Na crítica que Searle faz sobre a analogia entre consciente e percepção, até mesmo Freud acredita que haja problemas em sua descrição do consciente, mas estudiosos da psicanálise acreditam que, além de uma solução melhor para a descrição do que é consciente, necessitamos de uma solução mais plausível para a relação inconsciente – consciente, pois a teoria freudiana oferece embasamento apenas para o inconsciente, descrevendo-o como ligado à neurofisiologia do cérebro, mas não descreve como seria a relação deste inconsciente com o consciente, o qual é concebido como a parte subjetiva da mente (SIMANKE, 2006, p. 105).

Entendemos que a teoria freudiana ainda se encontra com os mesmos problemas de comprovação que apresentou no momento de sua criação e que, portanto, temos de deixar que os avanços da ciência da mente e do cérebro tentem solucionar os tais problemas mente - corpo e consciente – inconsciente para que consigamos respaldá-la. Acreditamos ainda, que a Psicanálise poderá receber aproximações de outras áreas do conhecimento que poderão colaborar neste novo percurso em direção a reformulações e comprovações de teses.

REFERÊNCIAS

- ASSOUN, P.L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- _____. *Freud e Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CAROPRESO, F. A Filosofia da Mente de Freud. In: SIMPÓSIO DE FILOSOFIA E PSICANÁLISE. 2. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <http://www.naad.ufes.br/arg_textos2006/simposio_filosofia_psicanalisefaima.html>. Acesso em: 24 ago. 2006.
- _____. As origens do conceito de inconsciente psíquico na teoria freudiana. *Natureza Humana*, v. 5, n. 2, p. 329-350 jul./dez.2003. Disponível em: <<http://pepsico.bvs-psi.org.br/pdf/nh/v5n2/v5n2a02.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2008.
- FRAYZE-PEREIRA, J. A. Between dreams and interpretation: psychic apparatus/symbolic apparatus. *Psicol. Usp.* v.. 10, n. 1, p. 199-223, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0103-65641999000100010&Ing=iso>. Acesso em: 10 set. 2008.
- FREUD, S. *Projeto de uma psicologia*. Tradução de Osmyr Farie Galbi Jr., Rio de Janeiro: Imago, 1950 (Obras Isoladas de Freud). (*Entwurf eineer Psychologie, in Aus den Anfängen der Psychoanalyse*). Bonaparte, M., Freud, A., Kris, E. (Ed.). London: Imago Publishing Co.,
- _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1886] 1996a. V. 1.
- _____. Estudos sobre a histeria. In: _____. *Edição Stantard Brasileira da obras psicológica completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. V.2.
- _____. A interpretação dos sonhos (segunda parte). In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, [1900]1996c. V. 5. Cap. 7. p.541 – 650.
- _____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, [1905] 1996d. V. 7. p. 129 – 250.
- _____. Artigos sobre metapsicologia. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, [1915]1996e. V. 14. p. 123 – 252.
- _____. Além do princípio de prazer. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, [1920] 1996f. V. 18. p.17 – 97.
- _____. O ego e o id. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, [1923]1996f. V. 19. p. 13 – 83.
- _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente/coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns*. Rio de Janeiro: Imago, [1856-1939] 2004. 224 p.

FREUD, S. Esboço de Psicanálise. In: _____. *Cinco lições de psicanálise. A História do movimento psicanalítico...* Rio de Janeiro: Nova Cultural, [1940] 2005. p. 153 – 238. (Coleção OS Pensadores).

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004a. 237p.

_____. A interpretação dos sonhos. In: _____. *Introdução à metapsicológica freudiana*. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1900] 2004c. V. 2. 235 p.

_____. O projeto de 1895. In: _____. *Introdução à metapsicológica freudiana*, 6.Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004b.V..1. p. 69-195.

_____. Sobre as afasias. In: _____. *Introdução à metapsicológica freudiana*, 6.Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1891] 2004b. v.1, p. 19-68.

_____. Artigos de metapsicologia. In: _____. *Introdução à metapsicológica freudiana*, 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004d. V.3, 295 p.

_____. O inconsciente e a Vorstellung. In: _____. *O mal radical em Freud*, 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004e, 166 p.

GÜZELDER, G.: The many faces of consciousness: a field guide. In: BLOCK, N. et al. (Ed.): *The nature of consciousness*. Tradução de Marco Franciotti. Cambridge, Ma.: The MIT Press, 1997. p.18-20. Access on: 08 set. 2006.

HANS, L. A. Alguns comentários sobre o conceito do inconsciente na psicanálise: comentários do tradutor brasileiro. In: FREUD, S. *Obras psicológicas: escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Tradução Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 79-94.

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. 3. tir. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 552 p.

LYRA, C. E. S. O inconsciente e a consciência: da psicanálise à neurociência. *Psicol. USP*. v.18, n.3, p.55-73, set., 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo>>. Acesso em 31 out. 2008.

MARTINEZ, J. R. B. *O inconsciente e a consciência na teoria freudiana: uma reavaliação conforme o pensamento de John Searle*. 1999. 250f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1999.

MILIDONI, C. B. *Heurística freudiana no projeto para uma psicologia científica*. 1993. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

_____. Algumas considerações sobre o estatuto do psicológico no “Projeto” freudiano. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v.18, n.1, p. 151-166, 1994.

MONZANI, L. R.A. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

SEARLE, J. R.. *A redescoberta da mente*: Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Martins fontes, 1997.

SEGUNDA Tópica: id, ego, superego. 1923. Disponível em:
<<http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/segundatopica.html>>. Acesso em: 31 out. 2008.

SIMANKE, R. T.; CAROPRESO, F.: O conceito de consciência no Projeto de uma psicologia de Freud e suas implicações metapsicológicas. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 85-108, 2005.

_____. Memória, afeto e representação: o lugar do “Projeto...” no desenvolvimento inicial da metapsicologia freudiana. *Olhar*, São Carlos: Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar, ano 7, n.12/13, p. 12-40, jan/jul., 2005.

_____. Cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em “Sobre a concepção das afasias” (1891) de Freud. *Discurso- Filosofia USP*, n. 36, p. 55-94, 2006a.

_____. O problema mente-corpo e o problema mente-mente da metapsicológica: pontos de convergência entre a psicanálise freudiana e as ciências cognitivas. *Natureza Humana*, v. 8, n. esp.1, p. 93- 117, out., 2006b.

STRACHEY, J. Nota do editor. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, [1920] 1996f. V. 18. p. 13-15.

THÁ, F. Representação e pensamento na obra freudiana: preliminares para uma abordagem cognitiva. *Agora*, v. 7, n.1, jan/jun, p. 109-128, 2004. Disponível:
<http://www.estadogerais.org/historia/99psicanálise_e_complexidade.shtml-58k>. Acesso em: 15 jun., 2006.

TEIXEIRA, J.F. *Mente, cérebro e cognição*. Petropolis, RJ : Vozes, 2000.

TELLES., J.S. S. Cem anos de “a interpretação dos sonhos”, sua vigência teórica, clínica e metodológica. *Psychiatry*, n. 4, p.1-10 dez., 1999. Disponível em:
<http://www.polbr.med.br/arquivo/psi1299htm>>. Acesso em: 21 jul. 2006.

WOLLHEIM, R. *As ideias de Freud*. São Paulo: Cultrix, 1971.